



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Comunicação – FAC

Departamento de Audiovisuais e Publicidade - DAP

Corpo e Voz

Estilo K-Pop

NATASHA NUNES DE LIMA BELUS

Orientadora: Dácia Ibiapina Silva

Brasília – DF

2016

NATASHA NUNES DE LIMA BELUS

Corpo e Voz: Estilo K-Pop

Memória de pesquisa do projeto experimental apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual, sob a orientação da professora Dácia Ibiapina Silva

Brasília – DF

2016

NATASHA NUNES DE LIMA BELUS

Corpo e Voz: Estilo K-Pop

Memória de pesquisa do projeto experimental apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual, sob a orientação da professora Dácia Ibiapina Silva

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dácia Ibiapina (Orientadora)

Prof^a. Denise Moraes (Membro)

Prof^a Erika Bauer (Membro)

Prof. Sérgio Ribeiro (Suplente)

Brasília – DF | Dezembro de 2016

“A gente tem um lema que é: Quem tem limite é município. Você não precisa ter limites. Isso serve pra mim, isso serve pra você, isso serve pra qualquer pessoa. ”

Felipe Arruda, líder do grupo Refresh

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar. Aos meus pais, por aceitarem que meu hobbie era mais que um hobbie e me sugerirem o tema para o projeto. Agradeço a professora Dácia Ibiapina por aceitar ser a minha orientadora e por ter me inspirado através de seu trabalho a arriscar no mundo dos documentários. Agradeço aos meus amigos Marina Oliveira, Aldo Nunes, Stedy Marconi, e aos demais integrantes do *Kpop BR Covers* (sem vocês nada disso teria acontecido). A Lucas Jotten da *K.O Entertainment* e a Daniel Docko pelo áudios e vídeos oficiais do KDT e pelo seu trabalho incrível em São Paulo. A Carol Lima do *BrazilKorea* pela sua gentileza e hospitalidade em Curitiba. Ao *Korean On* por apoiar e ceder as imagens do KWF 2014 e 2015. À minha irmã Paloma Belus por ter aceitado ser a minha assistente de produção, som, fotografia e outros. A Matheus Bastos, a Vanessa Vieira, e a Felipe Vaz por me emprestarem e confiarem seus preciosos equipamentos a mim. A Camila do Ó que foi uma das responsáveis pela minha ida a São Paulo e que tomou as rédeas de “assistente de produção” durante a finalização, me cobrando prazos e “fiscalizando” o andamento do trabalho. E finalmente a todos os K-Poppers do Brasil.

RESUMO

Corpo e Voz: Estilo K-Pop é um documentário de curta-metragem que apresenta movimento K-Pop Cover no Brasil: Jovens brasileiros amantes de K-Pop (pop sul coreano), que se apropriaram da música como um “estilo de vida”, que envolve, sobretudo, a expressão artística por meio da dança e do canto através dos covers.

Palavras-chave: documentário, *K-Pop*, *Hallyu*, covers, música

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Problema de Pesquisa.....	9
3. Objetivos.....	11
4. Justificativa.....	12
5. Referencial Teórico.....	14
5.1. Contexto Histórico da <i>Hallyu</i>	14
5.2. Movimento K-Pop no Brasil.....	17
6. Metodologia.....	26
6.1. Pré-Produção.....	28
6.2. Produção.....	33
6.2.1. São Paulo.....	33
6.2.2. Curitiba.....	37
6.2.3. Brasília.....	40
6.3. Pós-Produção.....	41
6.3.1. Desafios da Pós-Produção.....	45
7. Conclusão.....	46
8. Referências Bibliográficas.....	47
8.1. Bibliografia Consultada.....	47
8.2. Bibliografia Complementar.....	49
9. Apêndices.....	49
9.1. Glossário.....	49
9.2. Cronograma.....	51
9.3. Orçamento.....	54
9.4. Depoimento Nathaly Yumi da Silva (Lee Nys).....	55
9.5. Ficha Técnica.....	61

1. Introdução

A música popular sul-coreana, chamada abreviadamente de K-Pop¹, é um gênero musical resultante de diversos outros estilos musicais: pop (americano), hip-hop, rap, rock, R&B² e música eletrônica; são suas principais vertentes. Apesar dessa mistura musical, de acordo com Leung (2012, p.03, tradução minha), K-Pop é “[...] o gênero cujo atributo mais identificável é sua origem na Coreia do Sul”. Ele é caracterizado, por vídeos musicais bem produzidos e por coreografias elaboradas.

Juntamente com os *doramas*³, filmes e culinária, o K-Pop faz parte do conjunto de produtos culturais pertencentes a “*Hallyu*”⁴ ou “*Korean Wave*” (onda coreana), que nada mais é que o **fenômeno da internacionalização e popularização da cultura pop Sul Coreana**, oriunda da política de diplomacia cultural da Coreia do Sul, que desde os anos 1990, busca mudar a mentalidade e a visão que o mundo ocidental tem/tinha do país, ao buscar tirar o foco dos problemas políticos e da tensão em relação a Coreia do Norte.⁵

Corpo e Voz: Estilo K-Pop é um documentário curta-metragem que apresenta um recorte/resumo da *Hallyu* no Brasil. O filme mostra a realidade de uma comunidade formada por jovens amantes de K-Pop (pop sul coreano), denominados K-Poppers⁶, e sua apropriação da música, não só como uma forma alternativa de entretenimento, mas também como um “estilo de vida”, que envolve, sobretudo, a expressão artística por meio da dança e do canto, ou seja, por meio dos **covers**⁷.

¹ O termo pode ser escrito tanto com hífen (K-Pop), quanto sem (Kpop). Nesta memória o termo será sempre grafado com hífen, exceto quando fizer parte do nome de alguma organização, empresa, grupo, concurso, etc, que não utilizem o hífen.

² ***Rhythm and blues*** ou **R&B** é um termo criado nos Estados Unidos nos anos 1960 para se referir aos estilos musicais que se desenvolveram a partir do blues e do associado electric blues, que contribuíram para o desenvolvimento do rock and roll, bem como o gospel e a soul music. Desde a década de 1990, o termo R&B contemporâneo é utilizado principalmente para se referir a um subgênero com influências de soul, funk e hip-hop na música pop.

³ **Doramas** é o nome dado às novelas, séries e seriados sul-coreanos.

⁴ O termo ***Hallyu*** é um neologismo criado por jornalistas de Pequim que se surpreenderam com a crescente popularidade da cultura sul-coreana na China, primeiro país atingido pelas políticas de exportação cultural da Coreia do Sul.

⁵ ELFVING-HWANG, 2013, p.14 – 16.

⁶ Fãs de K-pop.

⁷ **COVER** é a regravação, ou interpretação, de uma canção previamente gravada por outra pessoa, feita normalmente como forma de tributo (homenagem) a quem a gravou pela primeira vez. *Dance Cover* é reprodução de uma coreografia previamente dançada por outra pessoa. Cover também pode ser a função de um indivíduo ou grupo que imita um artista famoso,

Separados em dois grupos (covers de canto e de dança) os personagens discorrem sobre seu contato com o estilo musical, sua trajetória dentro da comunidade K-Popper, a expansão e visibilidade do movimento nos últimos anos, sua relação com a arte e o impacto que ela tem em suas vidas pessoais, emocionalmente, profissionalmente e na sua formação como indivíduos. O filme tem a vivência dos personagens como principal fonte de informação.

Este memorial objetiva apresentar o processo de produção do documentário, desde a concepção da ideia, a motivação por trás dela, e os percalços até a finalização do produto, e estimular a reflexão sobre as influências da globalização nas manifestações culturais da juventude brasileira.

2. Problema de pesquisa

Entrei em contato com o K-Pop pela primeira vez em 2009, aos 16 anos pela internet. Em 2011 (mesmo ano em que iniciei o curso de Comunicação Social na UnB), entrei no “mundo” dos covers. Dei início a minhas atividades escrevendo “versões brasileiras” para as minhas músicas favoritas do estilo e as publicando em meu canal no Youtube. Logo me deparei com o trabalho de outras pessoas que faziam o mesmo que eu e passei a me comunicar com elas por meio de mensagens privadas no próprio Youtube.

Trocamos várias mensagens e ideias e em pouco tempo decidimos fazer covers colaborativos, as chamadas **collabs**⁸: Cada pessoa gravava sua parte da canção em casa com o instrumento de captação de áudio que tivesse a disposição: Microfones, celulares, câmeras, etc; E uma pessoa da *collab* se responsabilizava por juntar e mixar todas as gravações.

Então, em 2013, ao lado da escritora brasileira (então recém-formada em jornalismo) Marina Oliveira, e do profissional de marketing sergipano (na época ainda um graduando) Aldo Nunes, meus amigos de *collab* fundei o **Kpop BR Covers**: Um Grupo/Comunidade/Rede Online que visa a unificação dos covers de K-Pop do Brasil, a divulgação e expansão do movimento cover e da cultura sul coreana no país. Atualmente, possuímos a

incluindo roupas, trejeitos e forma de cantar. Os “imitadores” podem apenas dublar, ao invés de cantar.

⁸ Abreviação do termo em inglês “Collaboration”, traduzido como colaboração.

única página do facebook voltada exclusivamente para a divulgação dos trabalhos dos covers, tanto de canto quanto de dança, e um canal no Youtube onde postamos nossas versões brasileiras de K-Pop, e vídeos de cobertura de eventos. Toda a equipe é voluntária formada por jovens de vários estados do Brasil e sou a principal responsável pelo projeto desde que ele foi criado.

No começo, nosso principal objetivo era criar uma mini comunidade online para os “versionistas”⁹ e demais covers de canto. E assim lançamos várias versões brasileiras de K-Pop com pessoas de Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Sergipe, Tocantins, Amazonas, etc., porém, a cada dia que passava mais grupos covers de dança procuravam a página pedindo divulgação para seus vídeos e informações à cerca dos eventos e grupos de seus estados.

Até 2013, por ser uma cover online, não frequentava, nem tampouco conhecia os eventos de K-Pop. No Distrito Federal, e em muitos outros estados, o movimento é pequeno e os eventos são de pequeno porte. Por meio do trabalho na página soube que em outros lugares do Brasil haviam grandes eventos, concursos sérios, alguns com dois dias de apresentações, vagas limitadas (pois o número de jovens inscritos era muito grande), prêmios em dinheiro, júri formado por profissionais da dança e até mesmo com presença de grupos e artistas coreanos de verdade, cujos competidores eram de vários estados brasileiros. O anual *Dream Concert*¹⁰, em São Paulo, e o *NE Kpop Contest*¹¹, são alguns exemplos.

Em 2014, a fim de organizar melhor as nossas publicações e atender à crescente demanda, um dos colaboradores sugeriu registrar os grupos covers do Brasil em um cadastro único. Já nas primeiras semanas foram feitos 84 registros. Esse número só aumentava a cada mês, assim como o número de curtidas da página e do canal do Youtube. A minha dedicação a página muitas vezes chegava a ser maior do que aos trabalhos acadêmicos, ao ponto de optar por matérias e trabalhos que me permitissem adquirir habilidades que pudessem ser revertidas para o trabalho com covers. Eu

⁹ Palavra inventada pela Marina para designar as pessoas que escrevem versões de músicas lançadas em outra língua.

¹⁰ Concurso de k-pop realizado anualmente no estado de São Paulo com competidores do Brasil inteiro. Possui uma etapa online e uma presencial, nas categorias CANTO e DANÇA. Foi um dos primeiros concursos k-pop do Brasil a abrir espaço para covers de Canto.

¹¹ Concurso para covers de dança, anual, apenas para grupos e solos da Região Nordeste.

chegava a gastar de duas a três horas por dia (seis a oito nas férias) e intervalos no Estágio dedicados a atividades para o KPBRC¹².

Surgiu então a curiosidade:

O que faz jovens brasileiros, dos quatro cantos do país, saírem de casa todo final de semana para dançar e cantar e optar por consumir uma fonte alternativa de cultura? O que os fez trocar o pop tradicional norte-americano, por uma música híbrida repleta de influências, com algumas referências culturais tão distantes da deles, como o pop sul coreano? Quem são os K-Poppers? Mais especificamente os covers de K-Pop? O que os motiva?

No final de Outubro de 2016 o cadastro do Kpop BR Covers já contava com mais de 450 registros de grupos e solistas que dançam e/ou cantam K-Pop no Brasil, espalhados em 25 estados brasileiros e no Distrito Federal. O estado de Roraima é o único que não tem entrada alguma no cadastro.

Decidi mostrar essa manifestação cultural, essa nova “moda”, que se mostra cada vez mais longe de ser algo passageiro, através de um documentário. Um filme que mostra o “mundo cover K-Pop” de dentro para fora, com representantes de todas as regiões do Brasil.

3. Objetivos

- Realizar um filme documentário com duração entre 30 a 45 minutos finalizado em formato WideScreen 16:9 Full HD 1080p em arquivo digital mp4 codec h.264 para distribuição online e cópia física em DVD HD 720p;
- Mostrar um panorama geral do movimento K-Pop Cover no Brasil: como são os eventos, os finais de semana dos Covers, sua motivação, relação com a música, com as pessoas, e a influência que a “vivência” do K-Pop¹³ tem em suas vidas;
- Divulgar e expandir a cultura Pop Sul Coreana no Brasil;
- Ofertar material de pesquisa para os grupos de estudos da *Hallyu*.

¹² Sigla de Kpop BR Covers

¹³ Apesar do k-pop ser um estilo musical, para os fãs ele é reconhecido como algo maior, que inclui todo um conjunto de aspectos culturais que são incorporados por eles: modo de se vestir, inspirado nos *k-idols*, vocabulário, disciplina, etc. Os jovens do grupo Fantastic Babies (Curitiba – PR) falam mais sobre isso. A entrevista está em Anexo nesta memória.

4. Justificativa

A *Hallyu*, realmente invadiu do Brasil e a mídia não deixou de perceber isso. Desde 2009 reportagens sobre o K-Pop são veiculadas esporadicamente, anunciando a vinda de shows e grupos coreanos para cá, mas falando do estilo musical em si. O canal Rede TV foi um dos primeiros canais a ter conteúdo voltado para os fãs de cultura coreana, com a exibição de clipes e matérias sobre as novidades dos artistas da Coreia nos programas musicais (e não só dos Estados Unidos e Europa como é comum), mas foi a partir de 2014 que os principais canais da TV aberta passaram a colocar o K-Pop em pauta sob o prisma dos covers, como um estilo de dança, e passaram a tratá-lo como um movimento.

A rede Globo exibiu matérias sobre o K-Pop em todos os seus programas matinais: No “Mais você” em 2014, com a aparição do grupo **B-Pop**¹⁴ Champs, no “Bem-Estar” em 2015, no “Encontro” em 2016, sendo que no primeiro a reportagem falava dos benefícios a saúde para os jovens que o praticam, com comentários de um coreógrafo profissional e no segundo alguns grupos tiveram a chance de se apresentar. Em 2016 houve também uma pequena competição no dominical “Esquenta”, e uma reportagem no “Como Será?”, o matinal de sábado, isso sem falar em pequenas matérias locais feitas por suas filiais. Em 2016 no Programa Raul Gil, no SBT, estreou um novo quadro chamado “Quem Sabe Dança” voltado exclusivamente para os covers de K-Pop.

Apesar de toda essa movimentação, e a expansão mundial do K-Pop e das comunidades covers em quase todos os países com acesso à internet, o número de material acadêmico sobre o assunto é escasso. A grande maioria das pesquisas, artigos e livros que tratam da *Hallyu* ou do K-Pop falam especialmente da indústria musical, números de venda, movimentação

¹⁴**B-Pop:** Abreviação de “Brazilian Pop” músicas inéditas de estilo semelhante ao K-Pop com letras em português. Desde 2013 surgiram empresas de entretenimento baseadas nas da Coreia que tinham como objetivo lançar no Brasil grupos inspirados no K-Pop. Em 2014 a empresa JS Entertainment lançou o boy group “Champs” que encerrou suas atividades em 2015. A empresa alegou que a crise financeira do Brasil atingiu a indústria fonográfica e que não era possível continuar investindo no grupo. Os ex-integrantes ganharam bastante notoriedade dentro do movimento K-Pop e hoje fazem parte de grupos cover. Apesar disso, surgiram no Brasil várias iniciativas e grupos de b-pop independentes, como os *girlgroups* “High Hill” de São Paulo e “SIS” de Sergipe.

monetária, a construção dos **k-idols**¹⁵, sobre como elas serviram de ferramenta política e social para o crescimento da Coreia do Sul, entre outros assuntos relacionados. É difícil encontrar estudos aprofundados sobre os “consumidores” ou sobre o impacto da cultura coreana nos países que a importam, com exceção de um artigo de uma pesquisadora Peruana, citado na bibliografia desta memória, e algumas informações de uma pesquisa feita pelo site *K-Pop Kollektive* sobre os fãs internacionais de K-Pop.

Minha principal motivação é o fato de eu ser uma K-Popper que faz covers (versões brasileiras) e ter visto neste projeto uma grande oportunidade de realizar uma ação concreta que cumpriria dois objetivos: Criar um produto de tema inédito e relevante, para conquistar minha graduação, e divulgar o movimento K-Pop no país (uma das missões do Kpop BR Covers).

Durante toda a graduação atuei, principalmente, na área de pós-produção. Acumulei experiência em edição durante um ano e meio na empresa júnior Pupila Audiovisual, em trabalhos *Free Lance* finalizando vídeos de cobertura de eventos, e dois anos de Estágio na área de educação, editados vídeo-aulas para cursos EaD¹⁶.

Tive algumas experiências com fotografia (filmagem), a maioria para trabalhos de cobertura de eventos, e com captação de som direto para trabalhos da faculdade. Depois da edição de vídeo, a área de som é a minha favorita, e por isso me arrisquei algumas vezes ao longo da graduação, a maioria com equipamentos emprestados de amigos ou da própria faculdade. Infelizmente, minha experiência com produção e direção para filmes é pequena. Apesar de estudar sobre não tive oportunidades de atuar de maneira expressiva nessas áreas. Conceber a ideia para um documentário, que seria produzido e dirigido por mim se apresentou como um grande desafio. Aproveitei a chance do projeto experimental para me desafiar e arriscar nessas áreas.

Além disso, acredito que o filme contribuirá positivamente para ampliar o acervo de materiais disponíveis para futuras pesquisas e estudos sobre a hibridização cultural, a globalização, hábitos de consumo de produtos

¹⁵ **K-idol**: Como são chamados os artistas de K-Pop.

¹⁶ Educação à Distância.

culturais estrangeiros pela juventude brasileira, e quem sabe, contribuir para o intercâmbio cultural maior entre o Brasil e a Coreia do Sul.

A intenção é exibir o curta, primeiramente, em sessões especiais nos próprios eventos de K-Pop e/ou de cultura coreana, como os do grupo K.O Entertainment (São Paulo - SP), organizador do *Kpop Dance Tournament* (KDT)¹⁷, e os da KoreaOn¹⁸ (Brasília - DF), responsável pela seletiva do *K-Pop Word Festival*¹⁹ e de mostras de cinema Sul Coreano junto a Embaixada da República da Coreia. Posteriormente inscrevê-lo em mostras de cinema, se possível em festivais. Futuramente, tenho intenção de deixá-lo aberto no Youtube, e entregar cópias do produto para o “Grupo de Estudos da *Hallyu*”, que é um grupo de estudantes e pesquisadores brasileiros que está produzindo material sobre a *Korean Wave* no Brasil.

5. Referencial Teórico.

5.1.Contexto Histórico da *Hallyu*

A República da Coreia já foi um dos países mais pobres do mundo nos anos 1960 (sendo comparado a Índia e ao Quênia), após passar por duas guerras o país estava com a economia quebrada e muito de sua cultura estava perdida.

Soldados e aliados do exército americano durante a guerra no Vietnã²⁰, levaram para a Coreia a cultura e influências musicais de diversos países, como o rock e folk americano, ritmos latinos e cubanos, melodias francesas e italianas e a música enka do Japão.
(SILVA, 2014, p. 38)

¹⁷ Torneio (Concurso) de covers semestral do estado de São Paulo.

¹⁸ Comunidade de Cultura Coreana de Brasília

¹⁹ **K-Pop World Festival** é um concurso mundial de covers realizado pela KBS (Korean Broadcasting System) a emissora estatal de rádio e televisão de maior divulgação da cultura da Coreia do Sul. Grupos/empresas/organizações de vários países se organizam todos os anos e fazem um concurso regional para decidir quem vai representar o país na etapa online. Os ganhadores da Etapa online têm a chance de participar da grande final na Coreia do Sul, no mesmo palco onde se apresentam os artistas de K-Pop. No Brasil, o Korea On juntamente à Embaixada da República da Coreia (Brasília), e o Consulado Coreano (São Paulo) são responsáveis pela Seletivas do Brasil.

²⁰ Anos 1960-1970

Porém a partir da década de 1980, o país começou a se recuperar de maneira invejável, especialmente após as Olimpíadas de Seul, quando abriu as portas para as viagens internacionais e expos o país para o resto do mundo.

Na época a cultura americana dominava as redes de comunicação e entretenimento. Em meados dos anos 1990 cerca de 80% do marketing cinematográfico e da programação televisiva na Coreia do Sul era norte americana.²¹ Mesmo com a abertura econômica, porém, as tensões militares em relação à Coreia do Norte resultaram em uma imagem negativa internacionalmente também para Coreia do Sul.

Joanna Elfving-Hwang (2013, p.01, tradução minha) explica que a Coreia do Sul instituiu uma política cultural com o objetivo de “[...] *inspirar e mobilizar os assuntos nacionais por meio do orgulho pelos produtos nacionais Sul Coreanos*” desde os anos 1960, mas foi a partir dos anos 1990 que a Coreia passou a investir pesadamente em uma política cultural doméstica que realmente desse suporte e credibilidade aos produtos nacionais.

Em 1994 o país passou a investir fortemente na área de mídia, na TV, no cinema e na música a fim de combater o domínio Norte-Americano na programação cultural do país, que se arrastava desde os anos 1980²².

No começo o K-Pop era, praticamente, uma cópia do j-pop (pop Japonês) e era rejeitada pela maioria da população, provavelmente uma consequência de um ressentimento coletivo histórico pela Ocupação Japonesa da Coreia durante a expansão imperialista do Japão (29 de agosto de 1910 - 15 de agosto de 1945)²³. A resistência ao K-Pop começou a ceder quando o grupo masculino *Seo-Taiji Boys*, que surgiu em 1992, se destacou e ganhou grande popularidade ao se apropriar das influências do Rap e do Hip Hop dos Estados Unidos, que normalmente tratavam de temas como a exclusão social, racismo e violência (realidades da população negra norte americana), e os adaptaram com letras românticas e uma ou outra músicas-denúncias que criticavam, por exemplo, a rigidez do ensino na Coréia entre outros temas locais. Foi o começo de uma nova era para o K-Pop (e para a música Coreana em geral).

²¹ LEUNG, 2012 p. 03.

²² LEUNG, 2012 p. 10-12

²³ WIKIPEDIA, Ocupação japonesa da Coreia

Em 1997 a Coreia era a décima terceira maior indústria musical do mundo. Nos anos 2000 ela sofreu um declínio grande devido ao aumento da pirataria digital que fez com que as vendas físicas caíssem drasticamente.²⁴

Em meados dos anos 2000 a política cultural doméstica de valorização dos produtos nacionais sofreu uma transformação e se voltou sobretudo para a projeção ao mercado externo. Os produtos culturais são vistos como ferramenta de “poder brando”²⁵, e o objetivo do governo era posicionar a Coreia como país pós-industrial de poder médio, com um importante papel, não só no palco da economia global, mas também da cultura.

Como uma nação que tem se modernizado com sucesso apesar das tragédias históricas (divisão territorial e guerra civil), a Coreia do Sul agora se postula como uma história de sucesso e um modelo de desenvolvimento que as nações podem emular. [...] O governo tem também procurado melhorar a imagem da Coreia como um amigo de negócios confiável e desenvolvido [...] um país dinâmico [...] com o qual países avançados podem aspirar a fazer negócios.

(ELFVING-HWANG, 2013 p.15 tradução minha)

Foi nesse contexto que o sucesso internacional da *Hallyu* se tornou relevante. Com a crescente popularidade da *onda coreana*, primeiramente na China e depois em outros países da Ásia, as agências culturais governamentais começaram a promover os produtos culturais de maneira a captar e cativar uma audiência que fosse, sobretudo, jovem.

A produção de dramas de televisão e K-Pop é em última análise, dirigida e produzida com o apelo de satisfazer aos desejos do consumidor, o tipo de imagem nacional que eles projetam para o exterior é difícil de prever e controlar.

(ELFVING-HWANG, 2013 p.16, tradução minha)

Ao longo dos anos 2000 a *Hallyu* se afirmou definitivamente na Ásia e começou a se espalhar para outros continentes. Na Europa foram criadas áreas de estudos coreanos e promovidos festivais de cinema e concertos

²⁴ MULLIGAN, 2013, p.2-3

²⁵ **Soft-Power**: conceito apresentado com mais detalhes por Joseph Nye em “Soft Power: The Means To Success in World Politics.”, artigo citado por ELFVING-HWANG.

musicais. A principal ferramenta de propagação foi a internet. A criação de canais das empresas de entretenimento no site de compartilhamento de vídeo Youtube, permitiu que o K-Pop chegasse diretamente ao público, em toda a América, Europa, África e Oceania.

Em 2006 o pesado investimento nas políticas culturais fez com que o país revertesse a situação da queda da indústria musical e se tornasse o maior vendedor de singles online do planeta. A venda de CDs também voltou a crescer gradativamente enquanto as vendas globais continuavam a cair, o que jogou a Coreia para as primeiras posições do ranking mundial.²⁶

A *Hallyu* chegou a todos os continentes do globo, e o K-Pop a cada ano que passa ganha mais e mais fãs e tem tido cada vez mais espaço nos países latino-americanos.

5.2 O Movimento K-Pop no Brasil

No Brasil, os K-Poppers são uma comunidade que cresce proporcionalmente a facilidade de acesso à internet, popularização das redes sociais e plataformas de divulgação de vídeos e música, além da exposição de artistas do gênero na mídia brasileira, mais efetivamente a partir de 2009, ano que coincide com a vinda de grupos K-Pop para o Brasil²⁷ e com o *debut* (estreia) do grupo feminino 2NE1, cujo maior fã-clubes fora da Coreia está no Brasil.²⁸

Um estudo de cinco anos sobre fãs internacionais da música pop sul coreana realizado pelo site *K-Pop Collective*, levantou que a maioria das pessoas entrevistadas se identificam com o K-Pop por causa da língua e da cultura coreana, mesmo que eles não a entendam [...].
(SILVA, 2014, p.52)

O consumo do K-Pop não se limita a shows, cds e demais produtos relacionados (camisetas, posters, bonés, dvds, etc). A comunidade K-Popper Brasileira, formada em sua maioria por jovens de 13 a 23 anos, mostra sua paixão por meio de covers.

²⁶ MULLIGAN, 2013, p.2-3

²⁷ Matérias do portal G1 e trechos de telejornais da rede Globo que citam ou noticiam artistas de K-Pop tem histórico a partir de 2009, outros sites de notícias a partir de 2010.

²⁸ Informações divulgadas no facebook, na página oficial do grupo em 2014

O grande “boom” do movimento cover K-Pop no Brasil, segundo Nathaly Yumi da Silva (informação verbal)²⁹, conhecida no “mundo cover” como Nys, se deu em 2011 com a vinda do *K-Pop Cover Dance Festival*³⁰, organizado pelo canal de TV Sul Coreano MBC. Covers de todo o país foram para São Paulo participar. O Concurso foi exibido no programa RoadShow, e a boyband coreana MBLAQ veio ao Brasil para fazer parte do júri, e realizar o primeiro show de K-Pop no país.

Logo em seguida, em dezembro do mesmo ano, aconteceu a turnê *United Cube in Brazil*, no Espaço das Américas em São Paulo, que colocou o Brasil definitivamente dentro dos roteiros de shows de grupos coreanos. Na época o programa televisivo “Fantástico” exibiu uma matéria sobre o show.

Porém o K-Pop foi mundialmente e massivamente noticiado na mídia em 2012, com a *viralização*³¹ do videoclipe da música “Gangnam Style” do rapper Psy (artista da empresa YG Entertainment, fundada pelo produtor e empresário Yang Hyun-suk, ex-integrantes do Seo-Taiji Boys, a boy band pioneira do K-Pop, citada anteriormente).

Seguindo os padrões da indústria musical sul-coreana, que tem como diferencial o grande investimento e retorno mercadológico com grupos ao invés de solos, jovens de todo os cantos do Brasil se reúnem semanalmente para dançar as coreografias e cantar as canções (em coreano) de seus *k-idols* prediletos.

A página do facebook do Kpop BR Covers, trabalha exclusivamente com a produção, distribuição e divulgação de vídeos covers destes K-Poppers brasileiros.

Com o aumento crescente da demanda a rede começou a registrar os covers que apareciam em busca de informação e divulgação. Em janeiro de 2015 foram levantados dados de 82 grupos em menos de duas semanas. E o número só cresceu ao longo dos meses.

²⁹ Entrevista concedida por SILVA, Nathaly Yumi da. Entrevista I. [ago. 2016]. Entrevistador: Natasha Nunes de Lima Belus. Curitiba, 2016. 3 arquivos .mp4 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta memória.

³⁰**K-Pop Cover Dance festival** é um concurso de dança amador, organizado pelo canal de televisão Sul Coreano MBC. Os competidores fazem covers de dança de artistas de K-Pop, e são julgados por um deles. O concurso já foi realizado em diversos países entre eles: Japão, China, Tailândia, Filipinas, Rússia, Nigéria e, em 2011 no Brasil.

³¹ **Viralizar**: Termo usual da internet que designa a ação de fazer com que algo se espalhe rapidamente, semelhante ao efeito viral.

Entre 29 de maio e 02 de junho de 2015 foi realizada, junto a página, uma pesquisa online para conhecer “O PERFIL DOS K-POPPERS BRASILEIROS”, ou seja, dos jovens que ouvem e consomem o K-Pop, seus hábitos de consumo e interação com o produto, e por fim saber, dentre eles, quantos pertencem ao subgrupo dos covers e participam desse movimento. Foram recolhidas mais de 1350 respostas ao questionário. Vejamos alguns dados da pesquisa:

FAIXA ETÁRIA: 23% das pessoas que responderam tem entre 13 e 15 anos, **37% tem entre 16 e 18 anos e 24% tem entre 19 e 21 anos.** 9% tinham entre 22 e 24 anos, e 5% mais de 25 anos.

ESCOLARIDADE: 12% dos K-Poppers está no Ensino Fundamental. 35% dos jovens está cursando ou tem o Ensino Médio incompleto (o que bate com a faixa etária de 16 a 18 anos), 16% já completaram o E.M. e 33% está cursando uma Graduação. 1% está na Pós graduação.

RENDA: 19% optaram por não responder a questão. 5% são da classe A, 6% são da classe B, 39% são da classe C, 17% da classe D e 14% da classe E.

USO DA INTERNET (os participantes puderam marcar mais de uma opção): Dentre as atividades que os K-Poppers mais realizam online “Assistir vídeos no Youtube” está em primeiro lugar: 79% marcaram essa opção; o uso de redes sociais ficou em segundo lugar com 77% e em terceiro lugar está a atividade “ouvir música” com 73% das marcações. Além disso 63% diz visitar sites sobre cultura coreana para se manterem ligados as notícias do seu grupo e também conhecer outros aspectos da Coreia do Sul. Dado que revela que a música serve como porta de entrada e atença a curiosidade de conhecer a cultura de outro país.

YOUTUBE: Quanto as suas atividades que fazem no Youtube 57% dos jovens diz que “Assistir vídeo clipes de K-Pop” é o que **mais fazem**. 24% diz que “Assistir Dance Practices³² de K-Pop” é o que **mais fazem**. 38% diz que “Assistir Dance Practices” é a **segunda** coisa que mais fazem, e 29% diz que “Assistir vídeo clipes de K-Pop” é a **segunda** coisa que mais fazem. Por último, 28% diz que “Assistir covers” é a **terceira coisa** que eles mais fazem no Youtube.

37% dos entrevistados fazem covers de K-Pop.

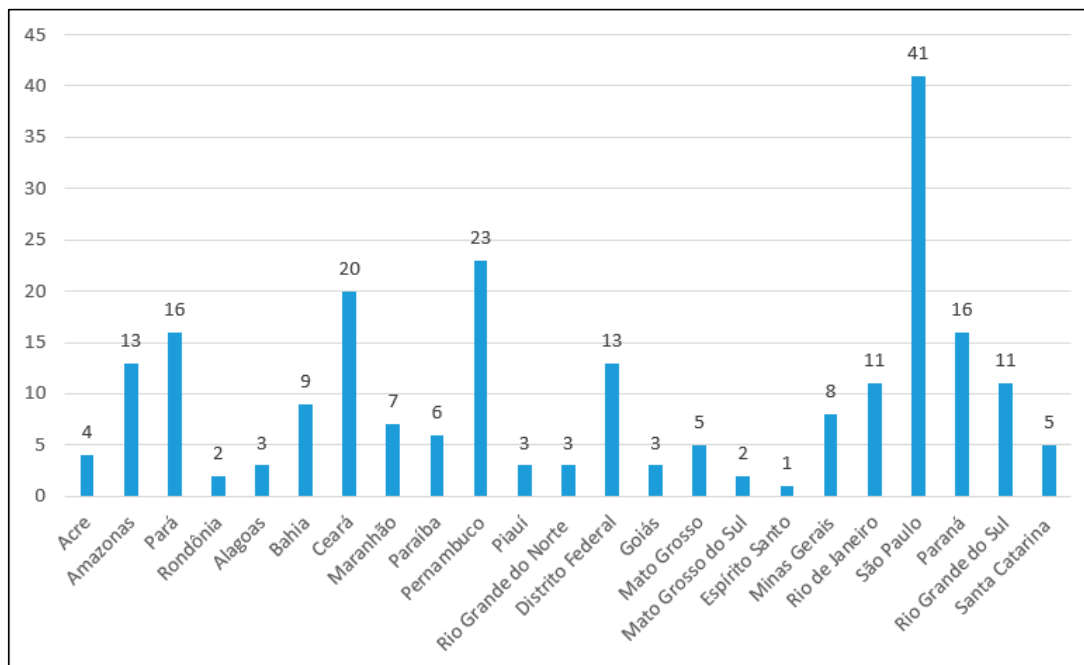
Uma vez traçado um perfil mais geral de toda a pesquisa dedicou uma parte exclusiva para os 37% que responderam “SIM” à pergunta “Você faz covers de K-Pop”

OS COVERS: 72% destes jovens dançam, 19% dançam e cantam e 9% apenas cantam. 22% dançam coreografias de *boy bands*, 36% de *girl bands*³³ e 42% variam entre os dois estilos. 43% fazem parte de um grupo cover, 29% atuam como solistas e 28% atuam como solo e também em grupo. A média de integrantes por grupo é de 4 a 5 pessoas. 67% ensaiam em suas casas, 36% em algum espaço público de 28% em academias ou salas de dança.

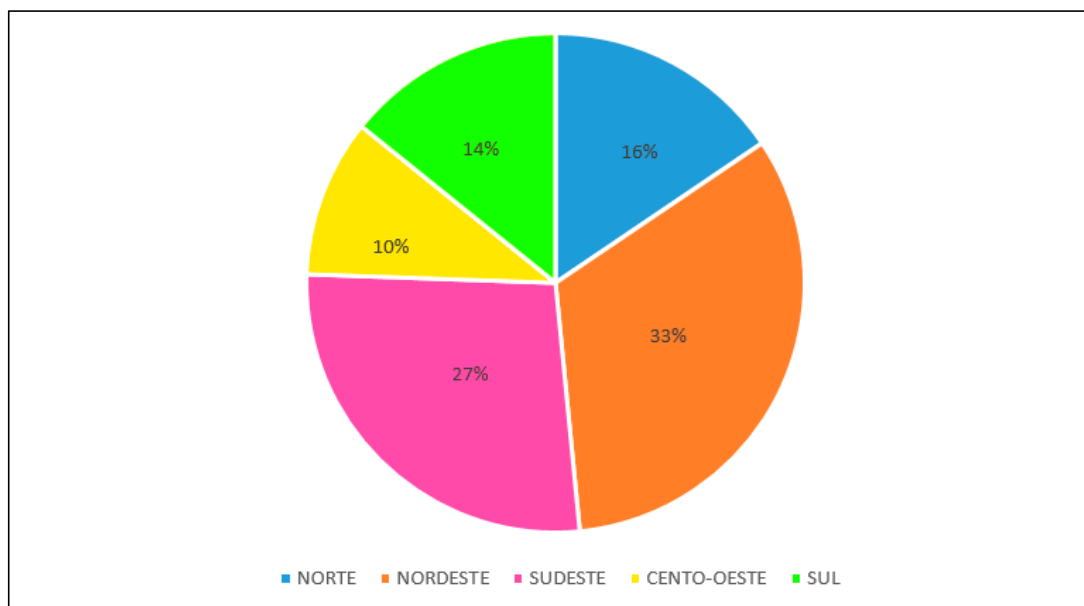
Os gráficos abaixo mostram a distribuição por estado e concentração por região dos grupos e solistas do CADASTRO NACIONAL DE COVERS do Kpop BR Covers em junho de 2015, período em que a produção do documentário já estava em andamento:

³² Vídeos de coreografia e ensaios feitos pelos próprios artistas de K-Pop. Normalmente sem cortes, com uma câmera fixa, assemelham-se muito aos vídeos covers, inclusive na qualidade da imagem. A diferença é que além de serem feitos pelos grupos originais, são publicados nos canais oficiais das gravadoras. Esses vídeos são os mais utilizados pelos grupos covers para aprender as coreografias.

³³ É comum entre os K-Poppers o uso gírias e termos em inglês ou coreano. “Grupo feminino” e “grupo masculino” são chamados de *girl band* ou *girl group* e *boy band* ou *boy group*, respectivamente. “Ídolo” é chamado comumente pelo sinônimo em inglês *Idol* ou *K-Idol*, para fazer referência direta aos ídolos coreanos.

Gráfico 01 – Quantidade de covers de K-Pop por Unidade Federativa em 30 de junho de 2015

Fonte: KPOP BR COVERS, 2015

Gráfico 02 – Concentração de covers de K-Pop por Região em 30 de junho de 2015

Fonte: KPOP BR COVERS, 2015

Na época haviam 229 registros, e estimava-se que o número de covers de K-Pop no país fosse **no mínimo** 2 vezes maior, tomando por base uma análise dos dados da página em comparação com o número de inscrição em concursos e “mostras livres” em eventos voltados ao público K-Popper. Isso porque a rede contabiliza apenas os covers que possuíam alguma forma de

divulgação online: páginas na rede social Facebook e/ou canais próprios no youtube.

Por exemplo, na época o cadastro registrava 20 grupos do estado do Ceará, mas em um único evento de Fortaleza, o “SANA K-Pop”³⁴, realizado em fevereiro de 2015, foram inscritos 39 grupos, 19 a mais que os listados em julho. Importante ressaltar que alguns grupos registrados do KPBR não se inscreveram no concurso.

A informação foi dada por Yara Viana, ex-integrante do grupo cover BlackJack de Fortaleza. Ela contou que inicialmente foram abertas 20 vagas para o evento, que foram preenchidas em apenas 3 horas. Assim que soube que as inscrições abriram, ela correu para casa o mais rápido que pôde para se inscrever e garantir a vaga do seu grupo. Segundo o relato alguns grupos cover “veteranos” do Ceará ficaram de fora e começaram a pressionar a organização que abriu mais 10 vagas, das quais 9 foram preenchidas de imediato. Outros grupos, que ficaram de fora na primeira inscrição, já haviam se “fundido” temporariamente com outros, realizando uma *collab*³⁵, criando supergrupos com mais de 10 integrantes (um que faz o cover do grupo principal e os outros fazem covers dos *backing dancers*³⁶) para não ficar de fora do concurso, tanta é a dedicação e vontade de participar.

Mas a suposição baseada apenas nos concursos desconsidera outro dado importante da pesquisa:

CONCURSOS: 43% dos covers participaram de algum concurso.
57% nunca participaram.

Ou seja, o “movimento K-Pop cover” é ainda maior do que se pode ver ao frequentar os eventos, pois não são todos os jovens que participam e/ou tem a chance de participar. Muitas vezes por eles serem poucos ou

³⁴ O SANA - Super Amostra Nacional de Animes, é uma convenção voltada especialmente para os fãs de quadrinhos e desenhos japoneses e games. O SANA K-Pop é uma ramificação do SANA organizada pela mesma empresa, voltada especialmente para os fãs de K-Pop.

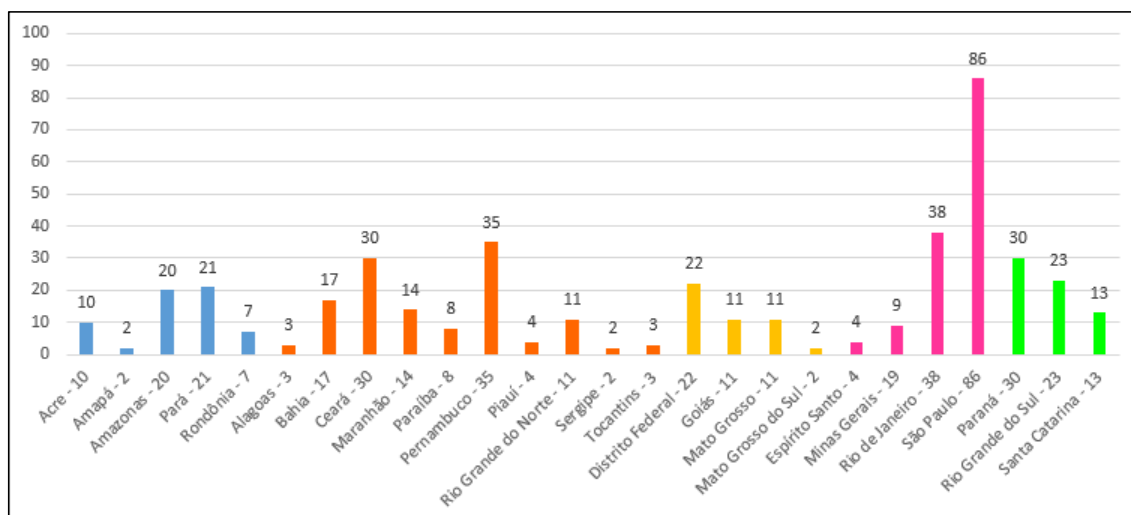
³⁵ Quando um grupo ou solista precisa de parceiros para dançar ou cantar ele pode convidar outro, seja para completar o mínimo de pessoas para executar a coreografia, seja para ter um corpo de bailarinos de apoio, assim como os *K-idols*. Há casos em que os grupos criam um novo nome especial para a *collab*. Um exemplo é o “Lock.Out”, ganhadores do KOREAN POP FESTIVAL 2014 em São Paulo. Eles são um *collab* dos grupos cover “Unlock” do Paraná, e “Knock Out” do Rio Grande do Sul.

³⁶ Bailarinos de apoio.

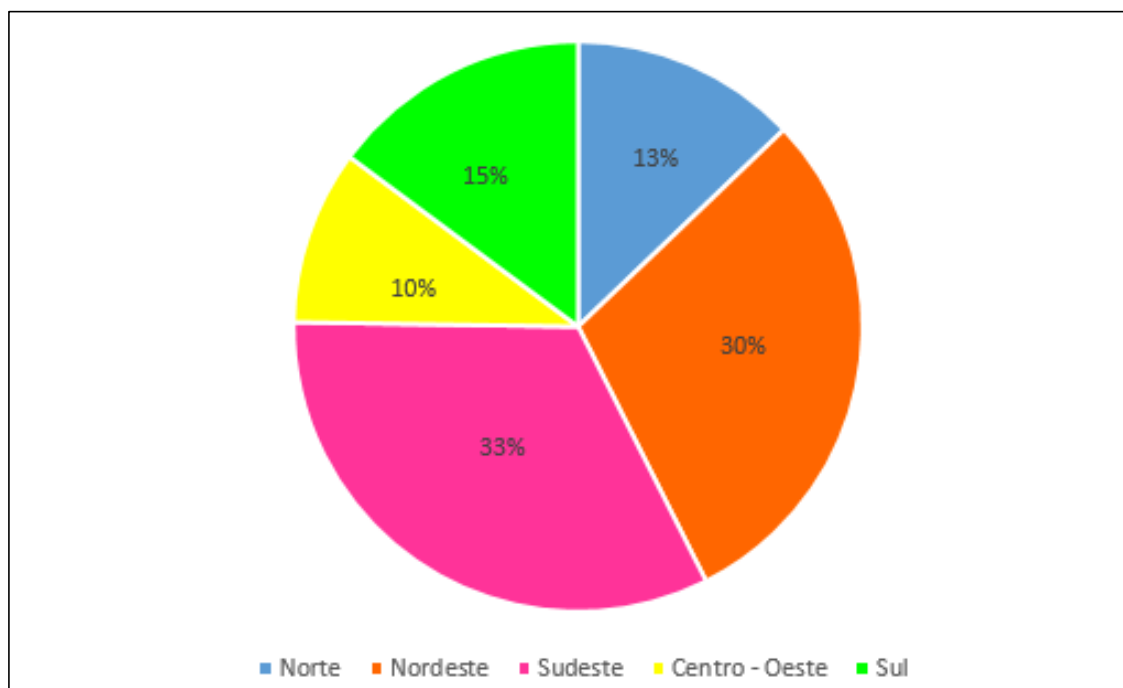
inexistentes em suas cidades/estados. O grupo cover UP GIRLS da cidade de Altamira, localizada no interior do Pará (que encerrou suas atividades em 2016), por exemplo, se limitava a fazer vídeos para internet na inexistência de concursos na região onde moram. Por serem o único grupo cover K-Pop da cidade, as 5 integrantes começaram então a se apresentarem como atração em eventos diversos, festas, festivais, inaugurações, etc.

De fato, quinze meses após a época da pesquisa o número de registros do CADASTRO DE COVERS praticamente duplicou, passou de 229 para 446 registros. Em São Paulo houve um aumento significativo no número de covers de CANTO devido ao crescimento no número de eventos voltados para esse público ao longo de 2016. A distribuição de covers por Região se manteve praticamente idêntica mostrando que de fato as Regiões Sudeste e Nordeste são os polos K-Pop do Brasil.

Gráfico 03 – Quantidade de covers de K-Pop por Unidade Federativa em 26 de outubro de 2016



Fonte: KPOP BR COVERS, 2016

Gráfico 04 – Concentração de covers de K-Pop por Região em 26 de outubro de 2016

Fonte: KPOP BR COVERS, 2016

A tribo K-Popper costuma dividir o espaço, ou melhor, ter espaço cedido a ela, dentro de eventos voltados para os fãs de cultura geek (cultura pop “nerd”) e/ou **asiática** (normalmente cultura japonesa). As famosas convenções: SuperCon (evento Geek dos estados de Pernambuco e Paraíba), Kodama (Brasília – DF) e Anime Firends (Evento otaku³⁷ de São Paulo) são alguns exemplos.

Porém a peculiaridade dos K-Popper em relação aos outros grupos - ter a dança como foco principal - e seu crescente número de fãs, que nem sempre também são fãs de quadrinhos e/ou cultura japonesa, tem feito que cresça o número de eventos específicos voltados para eles.

Nas convenções de cultura nerd ou geek reinam estandes de tecnologia, *cosplays*³⁸, campeonatos de vídeo game, salas de exibição de filmes e séries, palestras com dubladores, animadores ou desenhistas e

³⁷ **Otaku:** Nome pelo qual são chamados os fãs de quadrinhos, desenho e músicas japonesas: mangás, animes e música japonesa. O termo tem caído em desuso no Brasil nos últimos anos, porque no Japão ele é pejorativo. OTAKU é o termo empregado para designar qualquer pessoa fanática por algo a níveis considerados “doentios”. A consciência do significado real do termo tem mudado o vocabulário dos fãs de cultura japonesa no Brasil.

³⁸ **Cosplay:** Pessoas que se “fantasiam” de uma personagem ficcional, normalmente de desenhos, quadrinho ou filmes com riqueza de detalhes, e que as interpretam durante o evento: falas, trejeitos e personalidade. Há concursos de Cosplay no mundo todo.

bandas de rock e, no meio disso tudo, uma *sala K-Pop*: O espaço se assemelha a uma minipista de dança com um DJ, ou aparelho de som montada em uma tenda ou sala de aula (quando o evento é realizado em escolas ou faculdades). Covers se revezam para dançar e durante a maior parte do tempo a pista fica livre para quem quiser mostrar o que sabe fazer.

Já nos eventos voltados especificamente para os K-Poppers, o foco é em shows de dança e música, muitas vezes com a vinda de *k-idols*, estandes de CD e acessórios dos *fandoms*³⁹, workshops de dança, sendo o momento mais importante o concurso de covers no palco principal. Há casos em que o concurso é o evento em si.

As vezes covers de outros estados que possuem grande popularidade e reconhecimento a nível nacional, são convidados como atração especial: Um exemplo é a dupla KADUM um dos únicos grupos de canto do estado do Ceará, que fizeram a abertura do *SANA K-Pop* em 2015; ou podem ser chamados a fazer parte do Júri, como a professora de dança curitibana Nathaly Yumi da Silva, mais conhecida no meio como Lee Nys. Ela viajou para diversos estados do Brasil, fez *collabs* com grupos de outros estados, e julgou vários outros grupos.

Importante ressaltar que esse fenômeno (covers de K-Pop) não se circunscreve somente ao Brasil, ele já é difundido e forte em outros países da América Latina e do mundo:

“(…) K-Poppers se reúnem dependendo do grupo coreano que os agrada e dançam coreografias não só dele, mas de todos os grupos que gostam, o que ressalta o caráter perseverante dos K-Poppers e sua capacidade de planejamento e visão de futuro, pois não renunciam a nenhuma dessas atividades.” (PEÑA, Ximena y Otros apud: YAPUCHURA, Ányela Y. Flores, 2013. Tradução minha)

A citação acima pertence a pesquisadora peruana Ximena Peña em um ensaio sobre como a k-pop tem influenciado a formação da identidade dos jovens do Perú. O interessante foi notar como o comportamento dos grupos de lá são semelhantes aos daqui.

³⁹ Fã Clubes

Durante as gravações dos depoimentos para o documentário percebeu-se um alto nível de paixão por parte de todos os personagens. A prática do K-Pop como dança, especialmente em grupo, tem auxiliado na formação desses jovens que, por conta própria, acabam por trabalhar a disciplina, o trabalho em equipe, a desinibição e a segurança pessoal. Além é claro dos laços afetivos formados entre eles, o estímulo a ações de fraternidade e apoio mútuo devido a um objetivo comum (normalmente o reconhecimento ou o pódio de concursos).

Outra consequência positiva do K-Pop é o estímulo às atividades físicas. Os ensaios de dança chegam a durar de 3 a 6 horas seguidas, e os jovens ensaiam de uma a três vezes por semana, juntos (aos finais de semana) e separados (ao longo da semana). As coreografias normalmente são complexas, o que exige muita concentração, consciência corporal e foco para a perfeita execução dos movimentos e interpretação. Jovens que praticam atividades físicas na adolescência tem menos chances de se tornarem adultos obesos e sofrerem problemas de saúde futuros.⁴⁰

6. Metodologia

No primeiro semestre de 2015, quando iniciei a disciplina pré-projeto ainda não tinha um tema ou ideia para meu produto final. Após cogitar diversas opções, entre elas uma série de programas de áudio para musicalização infantil, um vídeo clipe ou um curta em animação, acabei por aceitar a sugestão dos meus pais (que notaram que não era apenas um hobby para mim) e fazer um filme sobre K-Pop.

Precisava, porém, descobrir o meu problema de pesquisa, o meu recorde dentro desse universo. A primeira coisa que fiz foi ir atrás de materiais para aprofundar meu conhecimento teórico para além do meu conhecimento como fã. Durante o período de pesquisa coletei diversos trabalhos acadêmicos sobre o K-Pop, para ter uma ideia de quais já tinham sido os assuntos abordados, e descobrir aquilo que ainda não havia sido explorado. Acabei por usar o material que eu tinha em mãos: O Kpop BR Covers e o meu trabalho junto aos covers brasileiros.

⁴⁰ FEBRE ENTRE OS JOVENS, K-POP MISTURA VÁRIOS ESTILOS MUSICAIS. Bem Estar. Rio de Janeiro: Globo, 13 de março de 2015. Programa de TV

Considerando que o KPBRC é a única organização que trabalha exclusivamente com covers brasileiros eu já tinha um campo de trabalho inédito, encontrei o meu **tema**: Covers de K-Pop.

O formato documentário foi escolhido por motivos diversos. O primeiro, e mais previsível, é a proposta de mostrar/investigar uma realidade. O segundo foi que ao longo do curso descobri que documentários podem se apresentar com linguagens bastante diferenciadas, que saiam do padrão “reportagem jornalística” e “Discovery Channel”, sem falar que acabei me aproximando e tomando interesse por esse tipo de filme ao longo do curso, especialmente após assistir trabalhos de excelente qualidade como o “Entorno da Beleza” da professora Dácia Ibiapina e “Hollywood no Cerrado” dos professores Tânia Montoro e Armando Bulcão, exibidos em uma mostra realizada na faculdade de educação da UnB, e é claro, não poderia deixar de citar, a incrível seleção de curtas-documentário brasileiros que o professor Marcos Mendes apresentou durante a disciplina “Documentário 02”. O terceiro motivo é que a fotografia e a linguagem estética de alguns documentários se assemelham com as da cobertura de eventos: assumindo as imperfeições de um ambiente com iluminação, recursos e ações pouco controlados, o que me garantiria uma liberdade maior de atuação.

Cinema não é uma tarefa que se faça sozinho, e o documentário se tornou de fato um projeto “super” autoral. A faculdade não financia os projetos finais dos alunos, e eu não tive condições de guardar dinheiro para investir em meu projeto final. Além da dificuldade financeira, por diversos motivos, que explicarei nos próximos tópicos, acabei por acumular todas as funções: Argumento, Produção, Fotografia, Captação de Som, Edição (montagem) e a finalização, o que fez que este trabalho ganhasse uma abordagem ainda pessoal.

6.1 Pré-produção.

Em março de 2015, com o tema do documentário (Covers de K-Pop) recém decidido, comecei a escrever os primeiros rascunhos para o pré-projeto, sem, no entanto, ter o problema de pesquisa definido com exatidão. Conseqüentemente, não tinha planejado uma estrutura para o filme. O meu

recorte era “Panorama Geral do movimento cover K-pop no Brasil”, a única certeza. A ideia era terminar o filme em dezembro de 2015 e por ser um documentário, não poderia perder tempo.

Na época, estava na equipe de Comunicação da Comunidade de Cultura Coreana Korea On, que estava organizando a final regional do *K-Pop World Festival (KWF)*, concurso que reuniria em Brasília covers das regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste, marcado para Agosto. Imediatamente entrei em contato com a organização do evento solicitando apoio e autorização para usar as imagens da cobertura (minha responsabilidade dentro do Korea On) em meu documentário. Consegui a autorização. Garantidos então a aparição de covers dessas regiões era hora de ir atrás de representantes do Sul e do Sudeste, especialmente de São Paulo que, como exposto anteriormente, é um dos polos do K-Pop no país. O KWF teria uma segunda regional em São Paulo, para os covers do Sudeste e do Sul, porém não haviam informações e ninguém sabia das datas. Se “batesse” com a data de Brasília eu teria um problema.

Em abril, porém, foram anunciados os finalistas e a data da final do 3º *K-Pop Dance Tournament (KDT)*. O concurso fazia parte da programação do segundo dia do *Hallyu Festival* em São Paulo, um evento de cultura coreana que teria comidas típicas, *doramas*, performances culturais da Coreia que seria celebrado nos dias 06 e 07 de Junho de 2015. Dentre os finalistas, além dos covers de São Paulo estavam grupos do Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro e Pernambuco. Para melhorar, essa edição trazia uma novidade, era a primeira com eles haviam aberto a competição para covers de canto, o que facilitaria o meu trabalho.

Fiz um primeiro rascunho, e convidei a professora Dácia, que estava ministrando a disciplina “Pré-Projeto”, para ser a minha orientadora. Ela aceitou e comecei a pré-produção do documentário enquanto ainda pensava em sua estrutura e escrevia o trabalho final da disciplina. Acumular essas tarefas foi necessário, pois o KDT iria acontecer antes do final do semestre e eu não podia perder tempo.

Cobrindo dois grandes concursos, o KDT em junho e o KWF em agosto, eu já conseguiria “matar” a sessão sobre eventos de uma vez, e ainda conseguiria imagens de todas as regiões do país, e em setembro já teria condições de começar a edição.

Pensando na estrutura e no “enredo” do documentário, na época, acreditei que seria uma ideia interessante ter um protagonista (ou grupo protagonista) e ter o seu dia-a-dia e sua relação como K-Pop como a espinha dorsal do filme, usando as cenas dos eventos e dos depoimentos de outros grupos para complementar e ilustrar pontualmente sua história, construindo um paralelo entre suas experiências com a realidade (narrada em depoimentos) dos outros grupos.

Precisava, então, da fala de vários covers de diferentes estados. Optei por dar prioridade a representantes das regiões Sudeste e Nordeste. (Polos do K-Pop no Brasil) que pudessem, de alguma forma, apresentar uma amostra significativa de todos os covers do Brasil, e explicar, segundo a visão de quem está dentro do movimento, suas relações pessoais com o K-Pop, desafios, e quem sabe um pouco da história do K-Pop no Brasil.

Eu não tinha uma equipe, nem verba, e não sabia quem poderia chamar para viajar comigo para São Paulo para ajudar a produzir um documentário (que ainda não tinha uma estrutura bem definida), e que pudesse arcar com todos os custos pessoais da viagem tirando dinheiro do próprio bolso. Além dessas preocupações havia o prazo: faltavam menos de dois meses para o KDT. Se fosse algum aluno da UnB ele teria de faltar uma semana de aulas no final do semestre. Sento assim, precisei assumir os riscos sozinha, e seguir em frente com a determinação de uma K-Popper, “*Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça!*” (Parafraseando Glauber Rocha).

Uma das minhas amigas online, e também integrante do KPBRC, Camila do Ó, havia passado para a final do KDT. Comecei a conversar com ela cogitando a possibilidade de me hospedar em sua casa, em Sorocaba, então comprei os ingressos do *Hallyu Festival*, e pesquisei o preço das passagens de ônibus do trajeto Sorocaba - São Paulo. A essa altura eu já havia entrado em contato com os organizadores do KDT e conseguido um passe de imprensa para entrar *Hallyu Festival* e fazer a cobertura do concurso graças a uma carta de recomendação da professora Dácia e o nome da minha página, que já tinha alguma notoriedade no meio.

Conversei com meus pais e eles assumiram as despesas com as passagens de avião. Preocupados com o fato de eu ir sozinha, sugeriram que eu levasse comigo a minha irmã, Paloma. Aceitei, pois não só precisava de

uma assistente, como também passaria pela experiência de fazer minha primeira viagem sozinha (sem meus pais) na vida. Não havia pessoa mais confiável, além disso, ela já possuía alguma experiência com audiovisual por projetos pessoais que fizemos juntas. Graças a isso não precisei gastar com viagens entre São Paulo e Sorocaba (casa da Camila), pois, viajando com minha irmã, meus pais fizeram um sacrifício extra e conseguiram nos hospedar em um hotel próximo ao Centro de São Paulo, perto do metrô.

A viagem foi marcada para a manhã de sexta-feira dia 05 de Junho e volta na terça-feira dia 09 de Junho. Dias 06 e 07 eu faria a cobertura do *Hallyu Festival* e dia 07 gravaria alguns depoimentos de grupos.

Neste meio tempo, recebi um e-mail da organização do *Hallyu Festival* cancelando o Evento. Fiquei nervosa na hora. E agora? Porém no mesmo dia, a página da K.O Entertainment, responsável pelo KDT, falou que a final do torneio ainda iria acontecer no dia 07 de junho em novo endereço. Com o cancelamento do *Hallyu Festival*, recuperei o dinheiro dos ingressos, consegui a entrada gratuita no KDT, e ganhei o sábado dia 06 de junho livre, decidi usar esse dia para conhecer o Centro Cultural São Paulo, na Vergueiro que é o “point K-Pop” de São Paulo, o local onde os grupos se reúnem para ensaiar aos finais de semana.⁴¹

As demais despesas foram pagas com o dinheiro da bolsa do estágio. Em São Paulo dependeríamos de transporte público, por isso, por precaução, optei por usar o máximo possível de equipamentos próprios, para evitar danos a terceiros caso houvesse qualquer complicação (um assalto, imprevistos meteorológicos ou danos por queda, por exemplo).

Separei minha câmera DSRL, Canon t2i, e um conjunto de objetivas que peguei emprestadas do meu pai. Apesar de já possuir equipamentos de som, nenhum era portátil e precisei investir: um microfone direcional *gun shot*, simples, cabos extras, um cartão de memória extra e um HD externo destinado exclusivamente para o armazenamento do material do filme.

⁴¹ A maioria dos jovens que dançam K-Pop se reúnem na casa de um deles e/ou em locais públicos para ensaiar. Eles buscam de preferência algum local com espaço e que possa ter um espelho. Em São Paulo é no Centro Cultural na Vergueiro, em Brasília na área externa da Biblioteca Nacional na Esplanada do Ministérios, em Recife em parques, em Fortaleza alguns grupos se revezam em salas de dança do Centro Cultural, e assim por diante.

Consegui um gravador H4N com Felipe Vaz, um amigo, profissional da área de vídeo em Brasília, e o tripé com meu colega estagiário e aluno de comunicação na UnB, Matheus Bastos, que, além de ser um ótimo editor de vídeos, é um ótimo fotógrafo, e trabalha com cobertura de eventos. Com ele consegui algumas dicas de filmagem com DSRL e indicações de plug-ins para instalar na minha câmera e conseguir uma imagem melhor. Esse auxílio foi essencial.

Entrei em contato com alguns finalistas do KDT que eu poderia entrevistar em São Paulo. Consegui marcar com os meninos do Refresh de Recife - PE. Em seguida fui atrás de outros finalistas que eu já conhecia pessoalmente, graças ao *K-Pop World Festival (KWF)* de 2014, em Brasília, que foi aberto para todos os estados do Brasil. Conversei com o Allyance, um dos covers mais populares de São Paulo e graças a minha amiga Carolina Lima, editora de conteúdo do site BrazilKorea⁴², consegui o contato de uma das meninas do grupo Double Beat do Rio Grande do Sul que também aceitaram participar do documentário. Garantidos os depoimentos de covers de dança das regiões Nordeste, Sudeste e Sul, faltava ainda representantes de canto. Convidei Mônica Neo, que também participou do KWF aqui em Brasília, e que também estaria na KDT tanto como solista quanto com o seu trio, o SM&G. Como grupos de canto são mais difíceis de achar decidi conversar com o trio. Elas também aceitaram o convite.

Estava planejado para Agosto, antes do KWF, um festival em Curitiba chamado *Nolza K-Pop*. A Carol Lima então me convidou para ir a esse evento.

Nessa época ainda queria um protagonista então a Carol me sugeriu e me passou o contato da dupla Unlock de Curitiba – PR, eles haviam ganho o *Korean Pop Festival* de 2014, em São Paulo. Pesquisei um pouco mais sobre eles conversei com os dois integrantes e apresentei a ideia que eu tinha. Eles aceitaram ser os protagonistas do filme.

Focando na ideia de um “Panorama Geral” do movimento cover considerei importante citar também a existência das aulas de K-Pop. Apesar de ter menos grupos que São Paulo, Curitiba tem representantes importantes no cenário cover do Brasil. O grupo cover Legend que ganhou diversos concursos

⁴² <http://brazilkorea.com.br/>

fora de seu estado (incluindo o KWF 2014 em Brasília), e várias seletivas em São Paulo e no Nordeste, sendo convidado a fazer parte da banca de jurados em concursos e a se apresentar no programa Esquentando da Rede Globo; Fantastic Babies, o maior grupo de K-Pop do Brasil, com mais de 45 integrantes, liderado pela bailarina e coreógrafa Ray Farias, cujo diferencial é ter se tornado uma companhia de dança com aulas de K-Pop, inclusive com coreografias originais; e a solista Lee Nys (Nathaly Yumi da Silva), uma das pioneiras do movimento K-Pop no Brasil, que não só viajou e participou de eventos por todo o país como também é uma das representantes brasileiras do K-Pop no exterior.

Como iria filmar o cotidiano do Unlock em Curitiba, em São Paulo decidi me focar apenas em gravar os depoimentos dos grupos e cobrir o evento: imagens que serviriam de apoio e/ou complemento da narrativa. Como Victor, um dos integrantes do Unlcok, estava na final do KDT na categoria canto e Kim, o outro integrante, seria um dos seus *backing dancers* marcamos um encontro em São Paulo para discutir os detalhes das gravações em Agosto.

Infelizmente, já em São Paulo, os meninos cancelaram a participação no documentário devido ao fim da dupla. Após as filmagens do dia percebi que não precisaria mesmo ter um único protagonista. A narrativa central do filme passou a ser baseada integralmente nos depoimentos dos covers.

No fim, excluir a ideia de um protagonista único se mostrou uma decisão acertada e mais coerente com a proposta do “panorama geral”. Por isso, mesmo com o cancelamento do Unlock, mantive a viagem para Curitiba, onde iria cobrir a festa Nolza K-Pop. Consegui marcar as datas com a Nys e com o Fantastic Babies. Desisti de tentar contatar o Legend pois, com essas duas entrevistas, somadas ao depoimento do grupo gaúcho Double Beat, eu já tinha representantes suficientes da região Sul.

Já para as gravações em Brasília eu planejava montar uma equipe para conseguir me acompanhar no KWF. Terceirizar a captação de som e a fotografia do documentário. Como eu fazia parte da organização do Evento e estaria concentrada no palco eu não teria equipamento livre para fazer as outras tomadas que tinha em mente. Tentei entrar em contato com alguns colegas da faculdade, e conhecidos, porém nenhum deles estava livre no dia

do evento, eles já estavam envolvidos em outros projetos e eu não tinha verba para contratar alguém. Novamente a solução foi contar com o auxílio da minha irmã Paloma Belus, para dividir comigo a cobertura do evento, e do meu pai, Paulo Belus, que me emprestou a sua DSRL com a qual eu poderia fazer as imagens de bastidores que precisava para o filme.

6.3 Produção.

6.3.1 São Paulo

Eu e Paloma embarcamos para São Paulo na sexta-feira dia 05 de junho de 2015 pela manhã. Fizemos nosso Check-in no hotel e a tarde verificamos equipamentos e confirmei as entrevistas/depoimentos com os grupos Refresh, SM&G, Double Beat e Allyance para o dia seguinte, a partir das 10 horas da manhã no Centro Cultural São Paulo.

No dia seguinte, chegamos cedo ao Centro Cultural, para testar a captação de som, e escolher um bom ambiente para gravar. Procurei um local com sombra, pois o sol estava subindo. Infelizmente o único lugar disponível quando chegamos eram alguns bancos que ficavam sob as árvores, o que fez com que durante as filmagens a sombra dos galhos e folhas ficasse sobre o rosto dos entrevistados.

O grupo Allyance cancelou de última hora, pois, um dos integrantes quebrou a perna e os meninos não queriam gravar sem ele. O grupo Refresh chegou por volta das 11 horas, em seguida o trio SM&G, e duas integrantes do Double Beat. Infelizmente eu não consegui um boom (vara) para o meu microfone antes de viajar. Assim, precisei o acoplar em cima da câmera. Paloma ficou responsável pelo monitoramento do som e verificar se o áudio estava realmente sendo gravado, para que eu pudesse me concentrar em filmar e conduzir a entrevista/depoimento. Antes de gravar conversei com eles sobre a proposta de falar sobre os covers de K-Pop, listei os tópicos que gostaria que eles abordassem e os deixei livres para acrescentar o que quisessem, ao longo das filmagens foram surgindo perguntas que na hora considerei relevantes.

Como a pretensão era gravar um filme para pessoas que não conhecem o K-Pop, achei importante que os grupos abordassem informações

que explicassem e contextualizassem o que era o K-Pop além de falarem sobre suas experiências.

Fiquei bastante contente com as informações conseguidas. Em seguida, já por volta de meio dia, comecei a gravar com as meninas do SM&G, o depoimento delas foi muito mais engraçado e repleto de casos e brincadeiras internas, apesar de divertido percebi, mais tarde, que haviam poucos momentos de informações de fato consistentes para o filme. Afinal, pessoas fora do meio K-Pop dificilmente iriam entender as piadas ou referências. Devido ao horário em que terminei as gravações resolvemos sairmos todos ir almoçar e voltarmos no período da tarde. Além dos grupos entrevistados conheci pessoalmente a Carolina Lima que viera fazer algumas entrevistas e vídeos sobre o KDT para o site Brazil Korea. Eu, inclusive, no dia seguinte, dei o meu recado como representante do Kpop BR Covers para o site. E adiantamos os detalhes sobre a minha estadia em Curitiba em Agosto.

Voltamos à Vergueiro por volta das 15 horas e vários grupos de K-pop já estavam presentes ensaiando. Me apresentei para alguns e pedi autorização para filmá-los, expliquei o projeto do documentário rapidamente, coletei as assinaturas nos termos de concessão de imagens e comecei a gravar. A filmagem com o Double Beat estava marcada para as 16 horas. No horário marcado, quatro das seis integrantes do grupo estavam presentes. Havia outro evento na Vergueiro no mesmo dia, o local estava bastante movimentado e ruidoso. Aproveitei que o sol já estava mais ameno e montei o equipamento no terraço do Centro Cultural, onde havia menos gente e menos interferência. Infelizmente, não possuía em minhas mãos nenhum acessório para o microfone que pudesse filtrar ruídos, como um pop filter, ou o “pelo de gato”. Aviões e vento acabaram prejudicando um pouco a captação do som, que já estava prejudicada pela distância do microfone da fonte sonora. As nuvens iam e voltavam mudando a intensidade da luz do sol, e tive que mudar as configurações da câmera ao longo das filmagens, para manter a exposição correta da imagem. Infelizmente, por não ter o boom, e ter como única solução no momento deixar o microfone estar acoplado à câmera, o som dos “cliques” foi captado sempre que precisei ajustar a exposição da filmagem ou mudar o enquadramento, o que desestabilizou a configuração de captação do gravador

de áudio, que ajustava os volumes automaticamente. Tudo isso me fez ter um trabalho a mais na pós-produção na hora de tratar o som.

Além disso havia a complicação do cancelamento do Alliance. Estava em São Paulo e fiquei sem representantes de dança de lá. Tentei falar rapidamente com o outro grupo cover masculino que estava lá, mas os rapazes estavam bastante ocupados com os ensaios para o KDT, e eu não queria entrevistar outro grupo de garotas.

Ficamos na Vergueiro até anoitecer, e pude registrar ensaios que aconteceram até às 20 horas. À noite, no hotel, fiz o Backup do material e preparei o equipamento para as gravações do dia seguinte no KDT. Minha solução para não deixar São Paulo de fora dos depoimentos principais era abordar algum grupo no evento durante a passagem de palco e fazer uma entrevista com eles lá mesmo no dia seguinte.

No dia seguinte fomos de manhã cedo para a casa de eventos no bairro Liberdade onde seria o KDT. Assim que cheguei, após me identificar, montei os equipamentos e comecei a gravar. Cumprimentei e conheci pessoalmente vários dos covers que eu já acompanhava pela internet. Aproveitei para filmar um pouco dos bastidores, da passagem de palco e fazer todos os testes de gravação. Acabei conhecendo as meninas do High Hill e fiquei surpresa de saber que elas apresentariam versões brasileiras de K-Pop no palco. Mais tarde alguns amigos que conheciam meu trabalho com versões chegaram a perguntar se as letras eram minhas, e eu disse que não. As meninas também não me conheciam e não sabiam que há anos eu realizava o mesmo trabalho de versões que elas. Acabei decidindo por entrevistá-las.

O grupo tinha 8 integrantes, mas foi representado pela Giovanna e pela Thamires. Elas se apresentaram como um grupo B-Pop independente que estava ensaiando e treinando para debutar⁴³ com músicas próprias um dia⁴⁴. Era melhor do que eu poderia esperar, uma vez que elas representariam no filme a ambição além do covers que vários K-Poppers tem, sem falar que abarcariam o universo das versões. O depoimento delas foi o mais curto e direto de todos, infelizmente o ambiente estava cheio e com muito barulho, e

⁴³ Estreiar

⁴⁴ Atualmente, o grupo possui 4 integrantes. As meninas participaram do programa X Factor Brasil em 2016 até a segunda fase.

havia a distância do microfone. Ainda assim, foi um achado incrível, dessas coisas que apenas em um documentário se consegue fazer. Fiquei satisfeita, e deixei que os demais grupos de São Paulo fossem mostrados no palco mesmo ou nas “micro” entrevistas que fiz nos bastidores antes do começo da competição.

Nesse dia, infelizmente, não pudemos sair para almoçar, e passamos das oito da manhã até o fim do evento as dezenove horas apenas com água.

Um dos jurados do KDT foi o cantor coreano Kim Boo Soo que veio ao Brasil fazer um show, e prestigiar o concurso. Infelizmente não consegui filmá-lo. A plateia lotou o espaço de modo que eu tive pouca movimentação e não pude sair do meu lugar durante toda a competição, havia número limitados de cadeiras e grande parte do público ficou em pé lotando o corredor onde eu estava. Estava “presa” em um ângulo que não me permitiu pegar imagem boas do *K-idol* presente.

O que me surpreendeu mais foi que, diferente dos eventos de Brasília onde vão apenas os jovens, o KDT recebeu um número considerável de adultos. Nas cadeiras ao meu lado haviam algumas senhoras e senhores de idade, e cheguei a ver algumas crianças assistindo também.

Tive a “sorte” de poder registrar o momento em que a Monica, líder do SM&G ganhou o primeiro lugar de canto como solo e quando o seu grupo ganhou o prêmio destaque na categoria canto, e o Double Beat também levou o prêmio destaque, na categoria dança.

Ao fim, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente uma das minhas colegas do Kpop BR Covers, Stedy Marconi, que veio de Campinas para a Capital apenas para assistir ao KDT, conhecer pessoalmente a mim e a Camila (a nossa amiga que ganhou o 2º lugar de canto na noite), tive momentos de fã e tirei uma foto com a escritora Babi Dwet (que é K-Popper e foi uma das apresentadoras do evento).

6.3.2 Curitiba

Em Julho eu consegui improvisar um Boom, comprando um monopé e um conjunto de roscas adaptadoras para usar o suporte do microfone. Para

essa viagem consegui um tripé emprestado com a minha colega de estágio Vanessa Vieira. Infelizmente, devido a minha viagem estar marcada para Agosto, não pude tirar meus dias de licença em Julho, tive que passar o período do recesso da UnB trabalhando, o que me impediu de planejar corretamente as filmagens para Curitiba.

Embarquei para Curitiba na quinta-feira dia 13 de Agosto com volta marcada para a terça-feira dia 18 de Agosto. Me hospedei na casa da Carolina Lima, segundo havíamos combinado em São Paulo. As entrevistas estavam marcadas para o final de semana, então aproveitei os a quinta e a sexta para conhecer a cidade e também para assistir novamente o material de São Paulo e ver os tópicos/assuntos importantes que não haviam sido falados e que eu precisaria pegar em Curitiba.

No Sábado fui com a Carol para o Jardim Botânico, lugar marcado para a entrevista com a Nys, e fiz dela a minha assistente de som. Montei o Boom e o gravador, e dei uma pequena “oficina” de treinamento. Fizemos uns testes enquanto esperávamos Nys chegar, por volta das 17 horas.

Quando filmei o Double Beat em São Paulo o sol ficou no rosto das meninas o que acabou se tornando desconfortável depois de um tempo para elas. Para evitar que isso se repetisse em Curitiba eu pedi que a Nys sentasse mais ou menos de costas para o sol, quanto eu ficava com o sol em meu rosto. Infelizmente, estava muito claro para que eu enxergasse a tela da câmera com exatidão, isso me impediu de perceber que a medida que o sol se punha seus raios incidiram diretamente na lente deixando a imagem “chapada”. Só percebi o problema tarde demais, ao descarregar os arquivos no computador. A “sorte” é que minha experiência com pós produção me permitiu fazer uma correção de luz e cor na pós-produção que melhorou o aspecto da imagem.

Outro problema técnico foi o áudio. Estava ventando muito, e, sem um *pop filter* para o microfone, o som do vento atrapalhou vários momentos da captura do áudio. Se esta situação houvesse acontecido em São Paulo eu não teria como resolver, mas a vantagem, em Curitiba, foi que, como estava com o Boom, o microfone estava próximo o suficiente da entrevistada para que toda a sua fala fosse captada sem muito prejuízo. Um pequeno tratamento do áudio foi o suficiente para manter o volume constante sem grandes perdas, apesar do vento, e com muito menos interferência externa de ruídos do que os áudios de

São Paulo. No mais, não houveram grandes imprevistos e fiquei bastante contente com o resultado da entrevista.

A noite fomos assistir uma aula do Kim, o ex-integrante do Unlock. A Carol me pediu para gravar uma entrevista com ele para o site BrazilKorea, e então fiz este favor, principalmente como um agradecimento por toda a ajuda. Em seguida fomos direto para a festa Nolza K-Pop. Era uma balada onde só tocava K-Pop. Foi interessante ver que a maioria dos K-poppers ali presentes não eram covers. A ideia original era filmar partes da festa para o meu documentário, mas antes mesmo de viajar eu me dei conta de que seria irrelevante para o foco que eu daria no filme, sem falar que estava escuro e eu não tinha um acessório essencial para gravações noturnas. Então fiz um acordo e fiz uma cobertura do evento em fotos para o BK⁴⁵.

No dia seguinte fui sozinha até o Cenário Espaço Arte, a escola de dança onde o Fantastic Babies ensaia todos os domingos. Quando cheguei eles estavam fazendo uma competição interna de covers. A líder Ray Farias me recebeu, explicou que em breve eles começariam a aula e que depois eu poderia gravar os depoimentos. Montei os equipamentos e comecei a filmar. Na hora eu decidi que seria uma boa ideia deixar o microfone virado para as caixas de som para captar as músicas do ensaio em um canto, enquanto eu captava as imagens da aula. Só mais tarde eu percebi que teria sido bem melhor se eu houvesse feito o mesmo que fiz em São Paulo durante o KDT e conseguir gravar algumas falas.

Durante os depoimentos solicitei a ajuda de uma das integrantes que aceitou ficar de fora das filmagens para captar o som para mim. Fiz uma pequena oficina com ela, assim como fiz com a Carol no dia anterior, e comecei as filmagens. O público que esperava para o filme eram pessoas que não conheciam o K-Pop, por isso fiz algumas perguntas específicas sobre o K-Pop em si, para usar no momento de contextualização do filme. Na sexta-feira havia escrito um roteiro dos tópicos que eu precisava filmar.

A maior dificuldade que tive nas gravações do Fantastic Babies foi quanto a fotografia. O ambiente era escuro demais para a câmera e precisei aumentar o ISO, o que elevou a quantidade de grãos na imagem. Quanto ao

⁴⁵ BrazilKorea

áudio o ambiente tinha muita reverberação. Mesmo com o Boom, não houve como solucionar esse caso.

Na volta, por não conhecer bem a cidade, acabei pegando um ônibus que deu uma volta bem maior que a prevista e desci do ônibus algumas ruas antes da casa da Carol, onde estava hospedada. Caminhava com a mochila nas costas (com todos os equipamentos) e com a bolsa do tripé no ombro. Era fim de tarde e as ruas, estavam praticamente desertas. Dois garotos desceram a rua de bicicleta. Um virou e parou na minha frente de uma vez quase me atropelando, o outro parou ao lado da calçada. Eles me abordaram me pedindo para passar a carteira e o celular. Na hora eu paralisei. Foi a primeira vez na minha vida que estava sendo assaltada, e pior, longe de casa, com equipamentos caros na mochila, e infelizmente com alguns que não eram meus. Acontecera justamente um dos imprevistos que listei anteriormente que poderiam ocorrer, a justificativa para evitar empréstimos.

Felizmente, na mesma hora, um morador da casa da frente abriu a porta para ir a varanda e percebeu o que estava acontecendo. Ele gritou para os meninos perguntando se eles me conheciam, o que estavam fazendo. E eu sem pensar direito gritei “Me ajuda!”. Ele respondeu “Vem pra cá, menina!” e pros garotos “Deixem minha amiga em paz”. Eu só corri e entrei direto na casa dele. Lá dentro uma senhora me viu assustada e perguntou o que estava acontecendo. O homem entrou e explicou que eu tinha sido quase assaltada. O nome dele é Flávio, e ele foi meu anjo da guarda naquela hora. Graças a Deus, não levaram nada. Fui bem acolhida e assim que me acalmei peguei meu celular e liguei pra Carol e para a mãe dela me buscarem. Eu não ia voltar sozinha de jeito nenhum!

Passado o susto, eu relaxei. Voltei dia 18 para Brasília e já comecei os preparativos para o a cobertura do K-Pop World Festival.

6.3.3 Brasília

Faltava menos de uma semana para o K-Pop World Festival e eu precisava de uma câmera extra, para poder cobrir o evento e fazer as imagens de bastidores para o documentário ao mesmo tempo. Conversei com minha orientadora sobre a necessidade de pegar uma câmera da faculdade. Na

sexta-feira fui até o laboratório de fotografia e peguei a ficha de empréstimo, consegui pegar as assinaturas, mas quando voltei para pegar a câmera, o laboratório já tinha fechado, 20 minutos antes do horário de fechamento.

O problema foi resolvido graças ao meu pai. Sua câmera nova chegou na sexta, e eu a inaugurei. Como estava no KWF como parte da Staff do evento, deixei meu equipamento de som preparado para captar o som do palco e das apresentações e fiz a cobertura do evento contando apenas com o áudio da câmera. O evento foi no Teatro do Colégio La Salle na Asa Sul, e infelizmente, a iluminação dos bastidores eram tão escuras quanto a da festa Nolza, e as poucas imagens que capturei dos preparativos ficaram inutilizáveis devido a necessidade de aumentar demais o ISO das câmeras. A principal diferença do KWF quanto ao KDT na avaliação era que figurino contava muitos pontos para os covers e foram analisados separadamente, pois o KWF é uma competição internacional. A seletiva de Brasília era apenas para escolher quem seria a pessoa e/ou grupo que representaria o Brasil na seletiva online internacional. Apenas representantes de 15 países teriam a chance de ir para Coreia do Sul participar da grande final e dividir o palco com os K-Idols no canal de TV coreano KBS.

Vieram competidores de Rondônia, Amazonas, Pernambuco, Piauí, Bahia, Goiás, além dos finalistas de Brasília. Infelizmente a maioria deles iria embora no dia seguinte e no dia do evento.

Consegui marcar uma entrevista com Cibelle Barros do Piauí, antes mesmo dela competir. Já a conhecia pois ela havia estado em Brasília no ano anterior para a edição passada desse mesmo evento. Ela ganhou o primeiro lugar em canto e o prêmio de destaque, e foi a escolhida para a etapa online. No dia seguinte gravei eu depoimento na área externa de um bloco da Asa Norte.

Ela também já havia participado de concursos em São Paulo e suas falas complementaram muitíssimo bem vários assuntos abordados pelos outros entrevistados, sem contar que ela trazia mais detalhes sobre o movimento K-Pop do Nordeste, o que enriqueceria ainda as informações do filme. De todas as gravações esta foi a que teve o melhor áudio e a melhor fotografia.

6.3 Pós-Produção.

A montagem do filme começou a ser feita em 2016. Devido a este ser um projeto final da faculdade, precisei postergar sua conclusão pois ainda não havia completado o mínimo de créditos (horas aulas) suficiente para a conclusão do curso e estava impedida de defender o projeto até a conclusão desta pendência. No segundo semestre de 2015 e primeiro de 2016 dei uma “pausa” na produção do filme e retomei os trabalhos no segundo semestre de 2016.

Durante este tempo, alguns problemas de ordem pessoal afetaram meu desempenho na faculdade. Cheguei a cogitar a possibilidade de desistir do curso, tamanho era o meu desânimo. Felizmente não o fiz, mas o segundo semestre de 2016 se tornou um grande desafio para mim, pois até os últimos meses eu não estava totalmente focada.

Inicialmente fiz a triagem de todo o material das entrevistas. Com a ajuda de uma amiga, Stedy Marconi, consegui reduzir quase três horas de material para cinquenta minutos. Sabia que era muito, e o que mais me incomodou foi o fato de que, para mim, ainda havia muito a ser explicado. As pessoas precisavam entender o que era K-Pop. Cogitei gravar mais, mesmo tempo sabendo que meu produto seria um curta. Ponderei a ideia de transformar em um longa-metragem imediatamente.

A proposta inicial era separar o documentário em dois grandes blocos:

1 – O que é K-pop? (Contextualização)

2 – Os covers de K-pop.

E cada um deles com vários sub-tópicos.

Meu objetivo era intercalar os discursos entre si acrescentando as imagens como *inserts*. A linha narrativa do filme estava baseada na fala. Sem saber como colocar ordem nos assuntos pedi ajuda novamente, dessa vez a Marina Oliveira, jornalista, e minha colega do KPBRC que assistiu comigo os cortes dos depoimentos e sugeriu uma ordem de assuntos.

Comecei a intercalar os discursos, deixando a cobertura dos eventos para outra hora. Uma reunião com a orientadora, porém, mudou completamente a concepção que eu tinha para o filme. No semestre anterior havia feito um curta-documentário, para uma disciplina, que seguia essa linguagem (discursos verbais), e por ter passado os anos de 2014 e 2015

trabalhando com vídeo aulas e áudios, estava “engessada” no discurso falado. Meu filme estava com “cara de reportagem”. Senti dificuldade para excluir informações, para mim tudo parecia muito importante. A professora foi sincera: Se era para explicar tanto mais fácil seria fazer um trabalho escrito. Meu objetivo era apenas informar? Que sensação eu queria despertar no expectador? O objetivo do cinema é “tocar” o expectador, mesmo que seja um documentário.

A proposta da professora para mim foi me desafiar a fazer o caminho inverso do que eu estava fazendo e colocar as imagens como o centro da narrativa: Mostrar mais e explicar menos. Decidi experimentar e foi quando, finalmente, o filme começou a tomar forma. Nesse meio tempo precisei resgatar o arquivo do pré-projeto e a minha pesquisa para a conclusão desta memória, e vi que a nova linguagem se encaixava de maneira muito mais eficiente para o cumprimento dos objetivos inicialmente propostos. Outra vantagem desse método foi que, ao me focar no discurso, estava tendendo a sair do tema central do filme que são os COVERS, as PESSOAS, e não o K-Pop em si. Foi um completo resgate do foco inicial, que proporcionou uma humanidade maior ao filme e o distanciou do formato meramente informativo/explicativo.

Usando uma linguagem audiovisual no estilo que chamo de “observador curioso” a ideia é dar ao espectador a sensação de que ele “caiu de paraquedas” no meio desse grupo de pessoas e aos poucos vai tentando entender o que está acontecendo, e conhecendo um pouco mais desse universo preenchendo as lacunas deixadas pelas imagens por meio dos relatos (depoimentos) de quem vive imerso nele. Logo, o discurso é que complementa a imagem e não o contrário.

O filme já se inicia colocando o espectador em uma situação comum, que se repete semanalmente no Centro Cultural São Paulo (e também em vários outros locais públicos espalhados pelo Brasil): Vários jovens que aparentam ter em média de 15 a 25 anos se separam em pequenos grupos para dançar, usando as paredes de vidro do prédio como espelho, várias coreografias de músicas sul coreanas, desde a manhã até a noite. O filme se segue com diversas falas dos K-poppers de várias partes do Brasil contando como foi o seu primeiro contato com o K-Pop. Logo em seguida vamos para o

K-Pop Dance Tournament em São Paulo, depois assistimos algumas aulas de K-Pop em Curitiba, e terminamos assistindo a final do K-Pop World Festival. Em meio a esses três momentos os depoimentos vão sendo intercalados com as apresentações, apresentando o universo do K-Pop para o espectador.

A fim de aproximar o espectador das personagens, todos os jovens falaram se dirigindo diretamente à câmera. As falas foram fragmentadas, ou seja, cortadas usando a técnica de montagem *Jump Cut*⁴⁶, extremamente comum no universo do Vlogs, com a supressão dos momentos “mortos” do filme a fim de otimizar o tempo. A fragmentação e os “pulos” nas falas não só fazem referência aos vlogs, como também a velocidade dos cliques de K-Pop, que tem jogos de imagens rápidos e ritmados, o que se tornou uma escolha acertada que se conecta diretamente com o universo das personagens.

O nome do documentário foi escolhido também na fase de pós-produção. Na época das filmagens usei um nome temporário “Juventude e Cultura Sul Coreana no Brasil: Covers de K-Pop”, mas um filme precisava de algo mais sucinto. Criei uma postagem na página do facebook do Kpop BR Covers explicando o projeto e pedindo sugestões de nomes para o filme diretamente para os K-Poppers.

Fiz uma lista das melhores sugestões e criei uma enquete. A opção ganhadora foi “Corpo e Voz: Influência Coreana” e em segundo lugar ficou “K-Pop: Estilo de Vida”. Depois de ponderar um pouco, conhecendo o material do filme e conversando com a minha irmã, o documentário recebeu o título definitivo: “Corpo e Voz: Estilo K-Pop”.

No fim resolvi que o filme seguiria, mais ou menos, a sequência do título: Primeiro eu falaria dos covers de canto, depois dos covers de voz, depois dos “híbridos”, e ao mesmo tempo manter a sequência cronológica dos eventos. Então refiz a estrutura do filme e separei em três grandes blocos principais com vários pequenos blocos de temas dentro deles. Um grande Bloco do KDT, onde há primeiro um destaque para os covers e canto e a história do K-Pop no Brasil seguido dos covers vocais e a entrada deles nos concursos. Um bloco central de curta duração sobre as aulas de K-Pop e por

⁴⁶ OZI ESCOLA DE AUDIOVISUAL. *Você usa Jump Cut?*.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aLF5zHUlkq4>>.
Acesso em 10 de outubro de 2016.

último o Bloco do K-Pop World Festival, onde falaria um pouco sobre o movimento K-Pop internacional, e a relação dos entrevistados para além dos covers.

Estava estruturado assim:

1 – São Paulo: Imagens principais – KDT

Blocos de assuntos:

- a) “como conheci o K-Pop”
- b) “como comecei a dançar K-Pop
- c) História do K-Pop no Brasil (eventos/dança)
- d) Viagens
- e) Figurino
- f) “como comecei a cantar K-Pop”
- g) História do K-Pop no Brasil (eventos/canto)
- h) “B-Pop”, grupos independentes.

2 – Curitiba: Imagens principais – Aulas do Fantastic Babies.

Blocos de assuntos:

- a) Aulas de K-Pop
- b) Coreografias Originais | Carreira profissional
- c) Relação Interpessoal (Positivas Amizade/Família)

3 – Brasília: Imagens principais: KWF (Incluindo cenas de Staff | bastidores)

Blocos de assuntos:

- a) Os covers brasileiros no exterior
- b) Relação com os Pais
- c) Relação Interpessoal (Brigas/Rixas) entre grupos (dança)
- d) Collabs (Dança)
- e) Personagem | Interpretação (Dança)
- f) Aprendendo Coreano | Interpretação (Canto)
- g) K-Poppers (Vocabulário, Grupos Favoritos)
- h) “Como o K-Pop influencia minha vida”

Fechamento: “Recado/Convite para quem não conhece K-Pop”

Infelizmente completei o primeiro e o segundo Bloco com 30 minutos de filme, com os assuntos não necessariamente na ordem do plano. Meu curta já havia virado um média metragem e eu não sabia mais o que cortar. Senti que ainda precisava acrescentar algumas coisas, e tive que tomar uma decisão. Eliminar o grande bloco do K-Pop World Festival e junto dele vários assuntos que queria deixar no filme: Relações interpessoais (As “brigas/rixas” dentro do K-Pop e as Collabs), o apoio e o não apoio dos pais, o aprendizado da língua para cantar, Gírias e expressões dos K-Poppers e a influência do K-Pop na carreira estudantil e profissional. Peguei trechos de falas que abordavam alguns dos assuntos listados, que já estavam selecionadas, e encaixei nos blocos anteriores, totalizando quase 35 minutos de filme sem os créditos. A única maneira de diminuir o filme seria eliminando cenas de apresentações, o que eu não queria fazer, pois já haviam momentos longos de fala, que “fugiam” da proposta inicial de “mostrar mais e explicar menos”. Resolvi apostar e manter o média metragem.

6.3.1. Desafios na Pós produção:

Durante a montagem de um filme, sempre nos deparamos com problemas e situações que poderiam ter sido evitadas, mas que foram ignoradas durante a produção. Pela primeira vez não pude responsabilizar a equipe que trabalhou antes mim, pois sabia que todas as falhas se deram pela minha própria inexperiência e acúmulo de funções.

O primeiro grande desafio que enfrentei na pós-produção se deu na questão do som. Durante a produção dei prioridade aos depoimentos e optei por economizar a bateria do gravador, não captei os áudios de vários momentos que filme como, por exemplo, as cenas no Centro Cultural São Paulo que inicialmente serviriam apenas de *inserts*, assim como as das apresentações do KDT. Assim quase a totalidade das cenas de “cobertura” contaram apenas com o áudio do microfone interno da câmera.

Em 2012 fiz um curso de finalização de áudio para cinema com o professor Mauricio Fonteles, e desde então aventurei praticando criando trilhas para pequenas animações e mixando meus covers. Graças a isso pude eu mesma tratar o som o filme. Infelizmente, só descobri muito tempo depois,

conversando com um amigo técnico de som, que o gravador que usei, o Zoom H4N possui uma “falha” que é adicionar o que chamamos de “ruído branco”, uma espécie de “chiado”, oriundo do próprio circuito elétrico do aparelho, em qualquer gravação, o qual eu não pude me livrar.

O microfone que usei me serviu muito bem para os depoimentos, mas seu desempenho foi aquém na captação das apresentações de canto. Não consegui deixá-las como gostaria. Felizmente, a equipe da K.O Entertainment, os organizadores do evento, me autorizaram a usar o áudio e imagens oficiais do KDT no filme. Fiz então o uso do áudio oficial das apresentações (que não tinham tratamento) e os mixei em meu programa de áudio, dessa vez chegando ao resultado esperado, para os audios das apresentações de canto.

Com o método “mais imagem e menos fala”, no entanto, não tive escolha a não ser aproveitar o som da própria câmera na maioria das cenas, e assumir o ruído no filme.

Manter o foco também foi outro desafio, para me ajudar nesse processo pedi a minha amiga Camila do Ó, que me auxiliasse durante esses meses finais do projeto me cobrando relatórios diários do andamento do trabalho para me obrigar me manter firme. No fim de cada dia eu mandava para ela uma versão em baixa resolução do documentário ou uma parte da minha memória da pesquisa. Sua ajuda foi de extrema importância para, não somente cumprir os prazos, como também, para me dar uma visão de leigo (do audiovisual), ela me ajudou a entender melhor o que poderia ser cortado sem prejuízo para o filme. Sempre que ela dizia que algo estava cansativo ou longo demais eu assistia novamente e conseguia eliminar trechos do filme que me faziam ganhar tempo e fluidez.

Porém o maior problema com o qual me deparei na pós-produção foi o computador. Desde o começo do ano (2016) que o notebook que uso para trabalhar começou a apresentar alguns defeitos. Infelizmente a versão do software de edição dos computadores da Universidade é antiga e meu projeto não era compatível. Editar na faculdade significava começar do “zero”. Em outubro, faltando semanas para a data original da entrega do projeto, o notebook “morreu” de vez. Nesta mesma semana meu pai estava internado,

devido a um infarto, e eu precisei lidar com as duas situações ao mesmo tempo.

Consegui um computador emprestado para finalizar a memória até que tivesse condições de consertar meu notebook. Faltando uma semana para entrega do projeto finalizado para os professores eu ainda estava sem computador. Liguei para vários contatos, fui atrás de lun houses, ou mesmo de alguma ilha de edição que pudesse alugar, pedi ajuda da minha orientadora, que sugeriu instalar o programa mais recente no computador da faculdade. Felizmente minha prima, Luísa Belus, tem um notebook compatível com o programa de edição e pôde me emprestá-lo e assim consegui finalizar o filme.

7. Conclusão

A Hallyu é um fenômeno que tem ganhado cada vez mais força no Brasil e K-Pop tende a permanecer cativando jovens brasileiros e ganhando cada vez mais espaço e divulgação.

Por meio deste projeto descobri que sou mais capaz do que achei que seria, e que de fato a comunidade K-Popper é um espaço bastante acolhedor. Sem a imensa ajuda recebida pela organização dos eventos e pelos amigos durante a viagem provavelmente eu não teria conseguido realizar este filme.

O aprendizado, na prática, especialmente no que tange às experiências com fotografia e som foi bastante significativa. Lidar com imprevistos é algo essencial para qualquer pessoa que se arrisque a fazer cinema. Enfrentar a desafio de experimentar na vida real os conhecimentos teóricos aprendidos em sala de aula foram de grande valia.

Foi um período de intenso crescimento pessoal. A pausa que dei no primeiro semestre de 2016 me serviu para acumular experiências em outros projetos que me foram imensamente úteis no período de finalização do filme, porque pude experimentar a edição de um curta de ficção e outro curta documentário e refinar a minha percepção de tempo.

Refletindo sobre o filme, acredito que ele abarcou aspectos das três áreas do curso de comunicação: Ao se propor a investigar e descobrir esse novo universo e tentar retratá-lo como ele é, informando ao mundo que ele

existe, o filme cumpre um papel jornalístico; ao objetivar divulgar, ou publicitar, esse movimento cultural a fim de chamar a atenção das pessoas para conhecê-lo ele acaba servindo como publicidade, e por fim ele não deixa de ser uma obra audiovisual, mantendo a linguagem subjetiva características das artes visuais.

Essencialmente, a paixão e a energia, que fazem parte do universo jovem, ficou registrada em um filme que fala, basicamente, sobre gente, sobre descobertas, vivenciar experiências novas, e intercâmbio cultural.

A lição que aprendi e que preciso deixar é que quando se tem vontade e paixão pelo que se faz, ou pelo menos, pelo assunto que se aborda, é possível “fazer acontecer”. No começo estava intimidada e um pouco receosa por não ter uma equipe completa formada para dar cabo ao projeto, e temi que ele não saísse do papel, mas ele saiu. Apesar da maior parte da minha experiência profissional ser na área de pós-produção, tanto edição de imagem quanto de som, percebi o quão essencial é ter, o mínimo que seja, de experiências em outras áreas que envolvem a realização cinematográfica, sair da zona de conforto e se descobrir capaz.

Espero de alguma forma ter contribuído para a construção do conhecimento sobre as manifestações culturais da juventude brasileira, a divulgação da cultura Coreana no Brasil, e claro, para que mais pessoas se interessem e/ou invistam em eventos para esse público no Brasil.

8. Referências Bibliográficas

8.1 Bibliografia Consultada

LEUNG, Sara. “Catching the K-Pop Wave: Globality, Distribution, and Consumption of South Korean Popular Music”, **Senior Capstone Project**, 2012.

Disponível em: <http://digitalwindow.vassar.edu/senior_capstone/149>. Acesso em 02 de maio de 2015.

ELFVING-HWANG, Joanna. South Korean Cultural Diplomacy and Brokering “K-Culture” outside Asia, **Korean Histories**, v.4, n.1, 2013.

Disponível em: <http://www.koreanhistories.org/files/Volume_4_1/ElfvigHwang%204.1.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2015.

MULLIGAN, Mark. "The Curious Case of the South Korean Market", MIDiA, maio de 2013. Disponível em: <<https://musicindustryblog.files.wordpress.com/2013/05/midia-consulting-the-curious-case-of-the-south-korean-music-market.pdf>>. Acesso em 02 de maio de 2015.

YAPUCHURA, Ányela Y. Flores. ¿K-Pop, nueva opción de identidad peruana? – Perú, **COMUNI@CCIÓN: Revista de Investigación en Comunicación y Desarrollo**, v.4, n.1, 2013, págs.38-45
Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4490774>>. Acesso em 03 de maio de 2015

SILVA, Laiz Mayara Albuquerque. **Daebak: O Livro Do Kpop**. 178f. Monografia. Centro Universitário Senac, São Paulo, 2014.
<<https://pt.scribd.com/doc/282543562/Trabalho-de-Conclusao-de-Curso-Daebak-O-Livro-Do-KPop>>. Acesso em 10 de novembro de 2016

WIKIPEDIA, Ocupação japonesa da Coreia. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ocupa%C3%A7%C3%A3o_japonesa_da_Coreia>
acesso em 02 de novembro de 2016

NINE MUSES OF STAR EMPIRE. Direção de Hark Joon Lee. Coreia do Sul. 2012. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=skJqO1cybVI>>.
Acesso em 30 de agosto de 2016

K-POP NO FANTÁTICO. **Fantástico**. Rio de Janeiro: Globo, 18 de dezembro de 2011. Programa de TV

ANA MARIA RECEBE A BANDA CHAMPS NO MAIS VOCÊ. **Mais Você**. Rio de Janeiro: Globo, 10 de junho de 2014. Programa de TV

BANDA CHAMPS SE APRESENTA NO MAIS VOCÊ. **Mais Você**. Rio de Janeiro: Globo, 10 de junho de 2014. Programa de TV

FEBRE ENTRE OS JOVENS, K-POP MISTURA VÁRIOS ESTILOS MUSICAIS. **Bem Estar**. Rio de Janeiro: Globo, 13 de março de 2015. Programa de TV

HOJE É DIA DE DANÇAR: POP COREANO. **Como Será?**. Rio de Janeiro: Globo, 13 de junho de 2015. Programa de TV

GRUPO DE K-POP SE APRESENTAM NO ENCONTRO. **Encontro**. Rio de Janeiro: Globo, 24 de maio de 2016. Programa de TV

FEBRE ENTRE OS JOVENS, K-POP INOVA COM MISTURA DE VÁRIOS ESTILOS MUSICAIS. **Amazônia Revista**. Amazonas: Rede Amazônica (Globo), 30 de junho de 2016. Programa de TV

8.2 Bibliografia Complementar

CAVALCANTI, Alberto. *Filme e Realidade*. 3ª edição. Rio de Janeiro: artenova/embrafilme, 1976.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP, Papyrus, 2005.

OZI ESCOLA DE AUDIOVISUAL. *Você usa Jump Cut?*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aLF5zHUIkq4>>.

Acesso em 10 de outubro de 2016.

9. Apêndices

9.1. Glossário

Annyeong haseyo – “Olá” em coreano

Bias (lê-se “bias”) – Integrante favorito de um grupo/banda. Ex: Seohyung é minha bias do Girls’ Generation = Seohyung é a minha integrante/artista predileta do grupo Girls’ Generation.

Backing Dancers – Dançarinos de Apoio

Cover - é a regravação, ou interpretação, de uma canção previamente gravada por outra pessoa, feita normalmente como forma de tributo (homenagem) a quem a gravou pela primeira vez. *Dance Cover* é reprodução de uma coreografia previamente dançada por outra pessoa. Cover também pode ser a função de um indivíduo ou grupo que imita um artista famoso, incluindo roupas, trejeitos e forma de cantar. Os “imitadores” podem apenas dublar, ao invés de cantar.

Disband – Quando os membros de um grupo/banda se separam e ele deixa de existir.

Dorama – Novela/Série coreana.

Fanchant – Frases e palavras gritadas pelos fãs durante a apresentação de um grupo K-Pop, em momentos específicos da música. (Espécie de “grito de torcida”, mas na música).

Flop – palavra em inglês para “fiasco”, gíria que pode ser usada quando uma coisa não teve sucesso. Quando ela foi ruim, quase ninguém gostou. Ex: *O último clipe da Madonna flopou (não fez sucesso)*. *A banda Boys Republic é flop (faz pouco sucesso)*. *Eu me sinto flopada (fracassada)*.

Hallyu (Korean Wave) - fenômeno de internacionalização e popularização da cultura pop Sul Coreana.

Hyung (lê-se Rrióngi) – Termo usado por garotos para se referir a um irmão ou amigo mais velho que eles.

K-Idol - Artista de K-Pop.

K-Pop - Abreviação de “Korean Pop”, Pop Coreano.

K-Poppers – Fãs de K-pop.

KBS – Korean Broadcast System, emissora estatal de rádio e televisão de maior divulgação da cultura da Coreia do Sul.

MBC - Munhwa Broadcasting Corporation é uma das quatro grandes redes nacionais de Televisão e rádio da Coreia do Sul.

Noona (lê-se Núuna) – Termo usado por garotos para se referir a uma irmã ou amiga mais velha que eles.

Oppa (lê-se Opá) – Termo usado por garotas para se referir a um irmão ou amigo mais velho que elas.

R&B - Rhythm and blues é um termo criado nos Estados Unidos nos anos 1960 para se referir aos estilos musicais que se desenvolveram a partir do blues e do associado electric blues, que contribuíram para o desenvolvimento do *rock and roll*, bem como o gospel e a soul music. Desde a década de 1990, o termo **R&B contemporâneo** é utilizado principalmente para se referir a um subgênero com influências de soul, funk e hip-hop na música pop.

Ultimate Bias – K-idol favorito de todos acima de todos os grupos. Ex: Meu Bias no grupo BIGBANG é o Taeyang, mas minha Ultimate Bias em todo o K-Pop é a cantora Lee Hi.

Unnie (lê-se Óni) – Termo usado por garotas para se referir a uma irmã ou amiga mais velha que elas.

Posições de membros em um grupo K-POP:

Líder – Líder do Grupo (normalmente é o membro mais velho)

Face – Membro do grupo considerado o mais “bonito” ou “simpático”, ganha destaque visual nos videocliques e é considerado “a cara” do grupo.

Main Dancer – Dançarino Principal

Main Vocal – Vocalista Principal

Main Rapper – Rapper Principal

Maknae – Integrante mais novo em um grupo

9.2. Cronograma

9.3. Orçamento.

	Item	Valor*	Total
EQUIPAMENTO	Câmera Canon T2i com objetiva 18-55mm	R\$ 1.500,00	R\$ 7.148,00 (R\$ 5.000 em equipamentos emprestados)
	Câmera Canon T3i com objetiva 18-55mm	R\$ 2.000,00	
	Objetiva Canon 28-90mm	R\$ 500,00**	
	Objetiva Canon 90-300mm	R\$ 700,00	
	Gravador Zoom H4n	R\$ 1.500,00	
	Microfone Direcional Yoga Shotgun	R\$ 200,00	
	Tripé Profissional, cabeça hidráulica	R\$ 300,00	
	Cabos de áudio XRL 5mt e 10 mt	R\$ 90,00	
	Fita Crepe	R\$ 6,00	
	Monopé	R\$ 80,00	
	Rosca Adaptadora (Monopé - Microne)	R\$ 32,00	
	Fone de Ouvido AKG K511 (Monitoramento e Mixagem)	R\$ 200,00	
	Pilhas AA	R\$ 30,00	
	Mensalidade Adobe (Softwares de Edição) para estudantes. (6 meses)	R\$ 510,00	
VIAGEM São Paulo	Passagens Aéreas ida e volta Brasília - São Paulo (2 pessoas)	R\$ 1.200,00	R\$ 2.333,50
	Hospedagem 3 diárias (2 pessoas)	R\$ 530,00	
	Translado Aeroporto Guarulhos - Centro SP	R\$ 120,00	
	Passagens Metro	R\$ 38,50	
	Taxi Hotel - Aeroporto	R\$ 85,00	
	Alimentação 2 pessoas	R\$ 360,00	
VIAGEM Curitiba	Passagens Aéreas ida e volta Brasília - Curitiba (1 pessoa)	R\$ 620,00	R\$ 772,00
	Passagens Ônibus	R\$ 22,00	
	Taxi	R\$ 30,00	
	Alimentação	R\$ 100,00	
TOTAL	R\$ 10.253,50 TOTAL gasto: R\$ 5.253,50		

*Valor em 2016

**Valor estimado (pesquisa de preço indisponível)

Equipamento Emprestado

9.4. Depoimento Nathaly Yumi da Silva (Nys)

15 de Agosto de 2015, Jardim Botânico, Curitiba, Paraná.

Apresentação:

*Olá, meu nome é Nathaly Yumi da Silva, mais conhecida como Nys, sou de Curitiba, Paraná, e tenho 20 anos. Danço K-Pop... Olha, já faz tempo. Danço K-Pop desde os meus 13 anos. Eu conheci K-Pop, na verdade, em 2008, finalzinho de 2008 começo de 2009, comecei com **Super Junior**, uma das bandas mais conhecidas e depois disso comecei a fazer covers solos, como a **BoA**, **Hyuna** e foi indo assim.*

*O movimento K-Pop no Brasil... foi... uma expansão muito grande. Em 2011 nós tivemos o nosso primeiro grande festival que foi o **K-Pop RoadShow**⁴⁷, o K-pop Dance Festival, no caso... Cover Dance Festival, que foi quando o **MBLAQ** veio pro Brasil, logo em seguida veio o show da **CUBE**⁴⁸ pro Brasil também. Então foi um ano de expansão, foi um “boom” no K-pop aqui no Brasil. Foi um ano bem interessante para todos os covers. Antigamente havia pouquíssimos covers por estado, hoje em dia nós temos milhares de covers que fazem um trabalho ótimo representando a Coreia aqui no Brasil.*

Fala um pouco sobre sua relação com a dança e como o K-Pop influenciou você na sua carreira profissional.

Na verdade, eu danço desde os 3 anos. Comecei com balé, fui para o jazz, fiz um mês de sapateado - não me dei muito bem – mas logo em seguida eu fiz todos os estilos japoneses, que compreendem Para-Para, Matsuri Dance, Yosakoi Soran, Bomodori, Teki Para, e logo em seguida, grudadinho com a cultura japonesa eu conheci o K-pop. Desde então cá estou, mas junto do K-Pop eu acabei entrando na área do Hip Hop, e foi uma área

⁴⁷ Vide página 17 da Memória, item 4.2 “Movimento K-pop no Brasil”

⁴⁸ **Cube Entertainment** (ou **Play CUBE Entertainment**) é uma gravadora sul-coreana, fundada na Coreia do Sul em 2006 pelo antigo CEO da JYP Entertainment, Hong Seung-Sung e Monica Shin. Em 2011 a gravadora organizou um show no Brasil chamado UNITED CUBE onde se apresentaram os grupos B2ST, 4Minute e a cantora G.Na, e foi o segundo show de K-Pop do Brasil.

bem paralela, e que hoje em dia é uma das minhas fontes [de renda] porque eu acabei me especializando no Hip Hop e atualmente estou dando aula.

A dança para mim é essencial, eu não consigo viver sem dançar, basicamente falando. Eu danço todos os dias, várias horas por dia, eu tenho várias horas de ensaio, principalmente agora no Hip Hop, porque estamos com os grupos de competição. Então, é uma nova fase na dança para mim e o K-Pop me influenciou de maneira super positiva. A presença do personagem, que é você fazer um cover, auxilia muito na dança hoje em dia.

Fala um pouco sobre sua relação com os grupos de K-pop, como você os conheceu, com quais você já dançou, sobre os concursos que participou, enfim...

*Graças a Deus eu tive muitas oportunidades de viajar pra fora do meu estado. Vamos ver... Fui pra Brasília, Rio Grande do Sul, São Paulo, Pernambuco, Ceará... Ai, meu Deus, será que esqueci de algum? Acho que não. Mas... Natal! Fui pra Natal também, não posso esquecer. A experiência sempre foi muito boa. Todos os grupos sempre me recepcionaram muito bem, o pessoal, fã de K-Pop “mesmo”, me receberam super bem, os eventos, os organizadores sempre foram sensacionais. Graças a Deus tive boas relações com vários grupos, dancei com muitos grupos. Tive várias oportunidades de ter grupos como **backing dancers**⁴⁹, mas eu nem gosto de colocar assim porque, para mim, estar no palco é compartilhar o momento com todo mundo, não existe quem é mais importante ou menos importante.*

*Entre eles eu posso citar... o pessoal do **Dance Motion** que foi uma das minhas primeiras **collabs**, que foi em abril de 2012, quando nós dançamos “Energetic” da BoA. Daí depois disso eu fui para o Rio Grande do Sul, dancei com várias pessoas de lá. Tive a oportunidade de julgar, inclusive, concursos no Brasil inteiro. Fui jurada do **NE K-Pop Contest**, que é lá no Nordeste, durante dois anos consecutivos. Dancei com o pessoal do **K-hyung** que é de... Pernambuco – Ai meu Deus é muita gente! *risadas* - que são uns queridos, danço sempre com eles, pessoal do **Refresh**, sempre também, muito queridos. **Dangerous, Up Girls, Hell Cats...** meu Deus são muitos grupos mesmo! Tem*

⁴⁹ Dançarinos de “fundo” ou dançarinos de apoio.

o pessoal do **Lyrics**, de Fortaleza. Ah... acho que mais ou menos isso... Ai meu Deus do céu, que medo de esquecer alguém né? Porque são tantas pessoas. Mas o mais importante é ressaltar que a relações dos covers precisa ser mais de união. Eu acho que esse é um dos pontos, um pouquinho, talvez, ruim do K-Pop: as brigas [entre grupos], que as vezes são inevitáveis, porque, obviamente, conviver com pessoas é complicado, mas o importante é lembrar que você está ali pelo mesmo motivo que é expandir a cultura coreana e mostrar o seu trabalho. Então, por que não fazer isso em colaboração? E esse foi um dos pontos em que eu, depois que comecei como solo, quis pegar bastante, de fazer várias colaborações, de mostrar que todos nós podemos ser um só. Que fortalecer o Brasil era tão importante para que a gente servisse pela Coreia. Esse é um dos pontos mais negativos, mas depois que você supera se torna um dos mais positivos. Depois que você supera todas as brigas [entre grupos] que tem no K-Pop você acaba fazendo amigos incríveis e tendo oportunidades incríveis.

Como você começou a dar aulas? Você já deu aula de K-Pop?

Então, atualmente eu dou aula de Hip Hop, dou aula de Básico. Já dei aula de K-Pop sim, fui, na verdade, fazer uns **workshops**⁵⁰ de K-Pop pelo SESC⁵¹ de São José do Rio Preto [SP] e foram experiências muito legais. O pessoal lá está começando, está engatinhando no K-Pop, então foi muito legal porque eles super “sugavam” tudo que a gente falava, todas as informações, eles eram muito atentos. Fui duas vezes pelo SESC, e foi uma experiência maravilhosa! Dei várias técnicas de K-Pop, mas... a gente chama de “técnicas de K-Pop”, mas acaba entrando um pouquinho no Hip Hop, que é mais performance, como se colocar no palco, conversa sobre figurino, conversa até mesmo sobre esse nosso meio que tem brigas, mas também tem a parte boa que é você estar no palco, receber energia e trocar energia com a plateia.

⁵⁰ O Workshop é a reunião de pessoas com objetivos semelhantes em que há troca de experiências e realidades entre pessoas, na maioria das vezes referente a um assunto específico. Por intermédio de dinâmicas as pessoas internalizam novos conhecimentos acerca do tema que as levaram a se encontrar. Fonte: Wikipedia.

⁵¹ Serviço Social do Comércio

Mas hoje em dia eu só dou aula de Hip Hop e é muito legal, eu tenho turmas fixas, e eu acho que o que mais me move é ver a evolução dos meus alunos. Inclusive eu acabei de sair de uma apresentação deles e eu chorei muito, porque eu sou uma pessoa muito chorona. Mas eu chorei muito em vê-los no palco porque saber que pelo menos 1% que eu tenha falado em sala de aula tenha refletido na dança deles ou tenha refletido, inclusive, no convívio deles com família, no convívio deles com os amigos, me deixa muito emocionada. Ser professora hoje em dia me motiva, me move, e os meus alunos são sensacionais.

Observando essa sua relação com seus alunos e o quando a dança, na verdade as artes como um todo, influenciam na vida das pessoas, como você enxerga os jovens que dançam K-Pop comparados a outros jovens e a influência que isso tem na vida deles?

Bom, eu acredito que os jovens que praticam K-Pop, e eu vou colocar como uma prática porque eu acredito que dança é uma prática, dança é praticar, dança é você viver de maneira diferente, comunicar de uma maneira diferente... Mas eu acho que os jovens que praticam K-Pop são diferenciados. São pessoas que tentam ser mais desinibidos, ainda que muito tímidos. O palco em si te dá uma experiência muito boa e... É como a gente fala: É bem melhor você estar dançando, praticando uma atividade física ou você estar interagindo em um meio legal do que você estar, por exemplo, nas drogas ou nos vícios ou nos “álcools” e afins. Então eu acho que quem dança K-Pop pode sim seguir uma carreira de dança até. Nunca se sabe para onde nós vamos ser direcionados na nossa vida, mas o importante é a gente sempre estar em movimento, sempre praticar.

Você já falou sobre suas viagens pelo país, fale um pouco sobre sua experiência como cover fora do Brasil.

*Bom, além de ter ido para vários estados eu também tive a oportunidade de ir para a Argentina e para a Coreia [do Sul] como representante brasileira do K-Pop. Na Argentina eu fui para o **K-POP***

Latinoamérica⁵² em 2013 onde eu fui uma das finalistas e recebi o prêmio de menção honrosa, foi uma oportunidade muito boa. A Argentina também cresceu muito em relação ao K-Pop e lá eles respeitam muito o Brasil, não existe essa “rixinha” que nós temos, por exemplo, no futebol. Nós fomos super bem recebidos, a equipe do evento foi maravilhosa, e eles sempre falam muito bem do Brasil, e isso eu achei muito legal mesmo, mesmo, mesmo. E além da Argentina eu também pude ir para a Coreia ganhando uma promoção da **KBS** que era para conhecer o **4Minute**. Na verdade, era como se fosse um concurso de covers que eles fizeram. Você mandava o vídeo, preenchia uma série de formulários, foi uma série de etapas, e eu tive a oportunidade de ser escolhida. Fui pra Coreia e foi uma sensação indescritível. Acho que até hoje para mim é meio “surreal”, eu assisto o vídeo do documentário e fico abismada com o que aconteceu, mas é muito legal.

Eles [coreanos] gostam muito do Brasil estar tendo representantes sobre o K-Pop e acho que até hoje estamos sendo muito bem visados pela Coreia. Então talvez essa seja a importância, também, de todos nós do Brasil, de todos os covers brasileiros, fazerem esse bom trabalho porque só gera frutos positivos, positivos, positivos. Nós começamos com o K-pop há muito tempo atrás aqui no Brasil como covers e essa progressão vem gerando frutos até hoje, é realmente esse negócio de “plantar e colher”.

Bom, e falando um “pouquinhozinho” assim sobre os eventos [brasileiros], eu senti uma diferença muito grande na época que eu comecei, em 2008, 2009, para os eventos de agora. As produções são muito mais elaboradas. Antigamente nós tínhamos que pedir mesmo, quase implorar, um espaço para poder mostrar nosso trabalho, pra poder dançar, e a gente ainda competia com outras áreas da indústria japonesa, porque K-Pop, J-Pop... Estava ali bem grudadinho até a questão dos Animes... Tudo bem que até hoje em dia existem eventos de K-Pop dentro de eventos de Animes, mas hoje em dia a segregação é muito maior. Existem eventos só de K-Pop. Eu posso citar por exemplo o **SANA K-pop** que vem de uma variação do SANA, que é lá de Fortaleza, que é Super Amostra Nacional de Animes, e hoje em dia eles já fizeram o caminho, a ramificação desse evento, só para o K-pop e eu acho isso

⁵² Concurso de K-Pop internacional que reúne representantes de vários países da América Latina.

sensacional, é uma conquista que nós tivemos. Os eventos agora estão apoiando muito mais, nós temos diversos concursos para mostrar nosso trabalho, para competir mesmo e mostrar o quão saudável pode ser a competição entre K-Poppers. Antigamente também os concursos eram bem escassos. A gente tinha um concurso por ano e ainda era em um estado ou outro, atualmente existem vários concursos por ano dando prêmios incríveis: viagens para a Coreia, dinheiro, reconhecimento mesmo, vários meses ao ano em vários estados. Então, as oportunidades se expandiram muito e os organizadores passaram a conhecer a importância do K-pop para o próprio evento deles.

Até quero agradecer a todos os organizadores que me convidaram e todos os organizadores com os quais eu já trabalhei. Todos os eventos que eu participei foram sensacionais, eu nunca fui maltratada em nenhum evento. Por mais que o evento tivesse dez anos de experiência ou que tivesse três meses de experiência, foi incrível todo o tratamento. E é importante ressaltar que sempre tem algum “contratempinho” e tal, mas é importante lembrar que a equipe de staffs, e a equipe de segurança que está com a gente é sempre muito importante, o evento nunca aconteceria sem eles. Eu realmente agradeço a todo mundo que trabalhou comigo porque eu sei a importância que eles têm para o evento acontecer. Dá para ver a diferença de hoje em dia e um pouquinho mais lá atrás. Então hoje em dia, graças a Deus, nós temos muita, muita, muita oportunidade e eu acho isso muito bom para o K-Pop.

9.4. Ficha Técnica

Argumento, direção, produção, fotografia e edição: Natasha Belus

Som Direto: Paloma Belus e Natasha Belus

Assistência de Som: Carolina Lima e Tayná Caroline Machado

Assistência de Fotografia: Paloma Belus

Planos Abertos do palco do K-Pop Dance Tournment: Daniel Docko

Material cedido gentilmente pela K.O Entertainment

Som Direto palco do K-Pop Dance Tournment: Daniel Docko.

Material cedido gentilmente pela K.O Entertainment

Imagens do K-Pop World Festival 2014 e 2015 cedidas pelo Korea

On

Agradecimentos:

Allure Karoline	Daniel Docko
Ana Carolina Oliveira	Daniela Dutra
Ana Laura Wuerdig	Dauana Geremias
Ana Luísa Fernandes	Edson Fukuti
Ana Paula Andrion	Emanuela Castro
André Sidharta	Erik Kato
Bianca Ramos	Felipe Arruda
Bruno Hostin	Felipe Vaz
Camila do Ó	Gabriela Luz
Carina Cardoso	Gabriela Silva
Carolina Lima	Gabriela Siqueira
Catarina Romero	Giovanna Giannotti
Cibele Rafaela Baron	Giovanna Kirilauskas
Cibelle Barros	Giovanni Justen Campos
Cleia Belus	Isabella da Silva
Dácia Ibiapina	Jaidilma Ribeiro

Juliana Lima
Karolina Turnes
Leandro Harada
Lucas Jötten
Luísa Belus
Luiz Francisco
Mancílio Filho
Marina Oliveira
Marcela Brun
Marli Eloina de Lima
Matheus Bastos
Melina Valente
Mônica Pradera
Moreno Tavares
Nathaly Yumi (Lee Nys)
Paulo Belus

Rafael Vargas
Raphael Ting Albuquerque
Rayanna (Ray) Farias
Sheila Nakamuta
Stéphanie (Stedy) Marconi
Tayná Caroline Machado
Thaís Ramos
Thamires Caló
Thaysa Moreira
Thiago Montinho
Túlio Santana
Valério Cristóvão
Vanessa Nakamuta
Vanessa Vieira
Yasmin Ono
Ygor Quintão